



Entre nós

Números e histórias da Aliança Bíblica Universitária do Brasil

2018

Sumário

Entre nós: nossas histórias	3	Prestação de contas: nossos números	65
Introdução: Amizade que dá força, fé que sustenta	3	ABUB em 2018	65
Reportagens	8	Número de grupos na ABUB	66
40 anos de alcance e testemunho	8	Assessoria auxiliar	67
Universidade além do diploma	29	Assessores regionais e nacionais da ABUB	68
Artigos	36	Nossas finanças	70
O amor de Cristo nas portas do ENEM	36	Três acontecimentos em 2018 e três sonhos para orar em cada uma das nossas frentes de trabalho	73
O alcance em meio à dor	39		
Entrevistas	43		
Realidade universitária: negritude e missão	43		
O salmo de Raíra: como Deus salvou uma estudante	57		

Textos originalmente publicados no site da ABUB e posteriormente editados para compor este documento.

Alcance: como a ABUB impacta o mundo estudantil

Textos publicados em setembro de 2018

Entre nós:
nossas histórias

Introdução: Amizade que dá força, fé que sustenta

Por Nilsa de Oliveira, secretária de formação

Esse é o lema do grupo da Aliança Bíblica Universitária (ABU) Seropédica (RJ) e o guardo no coração com muito carinho. Estudei na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ, conhecida como Rural) de 2000 a 2005. Em 2001 comecei a participar da ABU. Durante os quatro anos e meio de graduação, vivi pelo menos cinco greves. Em uma delas, que foi bem longa, eu e alguns amigos da ABU resolvemos fazer alguma coisa.»



» O restaurante universitário (popularmente chamado de bandejão) não abria durante a greve. Deixavam em uma mesa, na pracinha, sacos com pães e galões de leite para que os estudantes pegassem pela manhã. Em algumas ocasiões os cachorros pegaram os sacos e rasgaram tudo. Aquilo começou a nos incomodar. “Esse pão e esse leite é para todos nós, por que não cuidamos disso?” Nos organizamos, procuramos o decanato de assuntos estudantis e nos colocamos à disposição para receber e entregar o pão e o leite. Mas percebemos que muitos não iam buscar. Resolvemos ligar para todos os quartos, em todos os alojamentos. Logo começaram a aparecer e vimos que tinha mais gente sem poder ir para casa do que imaginávamos. Conhecemos estudantes que só comiam o que a universidade dava. “Então, por que não damos um jeito de melhorar esse café da manhã?”

Não demorou e a gente conseguiu que o bandejão abrisse a sua cozinha, com funcionários terceirizados nos ajudando. E assim começamos a servir o café da manhã com pão, biscoitos, fruta, café, leite e achocolatado bem quentinhos. Fizemos isso até o fim da greve. Ouvimos muita palavra de gratidão, de carinho, de encorajamento. Mas também ouvimos muitas perguntas do tipo: “Quem são vocês?”, “Por que estão fazendo isso?”, “O que estão ganhando com essa atitude?”. Respondíamos: **“Somos estudantes, como vocês, e queremos o melhor para todos” ou “Estamos aqui para servir vocês, amamos os estudantes e amamos essa universidade”.**»

» Fizemos muitas atividades durante as outras greves, mas essa foi muito especial. Fomos arrebatados por uma onda de generosidade e amor, que começou com uma situação que nos incomodava. Acredito que incomodava mais gente, mas não podíamos apenas fazer parte da turma dos insatisfeitos, então fomos lá e fizemos algo. Alcançamos o coração de muita gente que lembra desse período até hoje com carinho. O café quentinho e o pão com manteiga aqueceu e preencheu a vida de muitos estudantes, inclusive a minha. Nunca mais esqueci do poder que o amor tem de alcançar alguém através de atitudes simples. **Esse é o nosso papel, é o amor que deve nos mover em direção ao outro.**

Pensar nessa experiência tão impactante me faz lembrar dos milagres da multiplicação dos pães e peixes feitos por Jesus, duas maravilhosas manifestações do caráter generoso de Deus com o objetivo de saciar as necessidades do povo e ensinar aos discípulos sobre serviço, amor incondicional e fé. Compartilhar o alimento com o outro não é só um ato de generosidade, aprendemos que é também um ato de esperança, de evangelismo, pois não queríamos oferecer apenas o pão que sacia a fome do corpo, mas éramos desejosos de oferecer o pão da vida, aquele que alimenta a alma.

Vale a pena alcançar



“Ali eu já estava com esperança, eu estava sentindo que era ali que eu ia encontrar a solução pra minha vida. E eles me chamaram pra ir no Conselho Regional (...). Lá foi quando eu ouvi o evangelho (...) quem pregou primeiro foi o Josué. Vieram milhares de coisas na minha cabeça, milhares de pensamentos, e a galera super me ajudou. Eu sentava na hora do almoço, conversava e perguntava várias dúvidas. A galera respondia, não titubeava. Acho que era realmente o Espírito Santo agindo (...).”»

» As palavras de Raíra, que se converteu na ABU Pirassununga (SP), quando era estudante (e que você pode ler na entrevista aqui), enchem meu coração de alegria, gratidão e ânimo, porque mesmo que a gente não tome conhecimento de tantas experiências como a dela, estudantes continuam sendo alcançados por meio do Evangelho, que tem o poder de resgatar e transformar vidas. O Espírito de Deus está à procura de homens e mulheres, que, por amor, tenham o desejo de comprometer-se verdadeiramente com ele.

Portanto, se algo lhe inquieta, não se deixe paralisar pelos desafios, corra atrás, pois não sabemos o que pode ser colhido lá na frente. Não sabemos o real impacto que o seu grupo causa nas pessoas que frequentam ou quantas pessoas são impactadas pelo evangelho. Não sabemos quantas pessoas, imersas na dor de injustiças, são acolhidas pela graça, consoladas e ganham voz. Mas sabemos que o acolhimento e o amor podem salvar vidas. Dificilmente vemos “grandes resultados” nas ações de evangelismo ou durante a entrega de água para um candidato no ENEM (link). Não temos essas respostas e, sinceramente, não precisamos delas para cumprirmos nosso chamado e alcançarmos nossos colegas.

A ABUB tem mais de 60 anos de história e sempre esteve repleta de pessoas conscientes de seu chamado. Somos chamados a ser povo de Deus para atuar no mundo em serviço do amor, da paz, da justiça, pregando o arrependimento, a salvação, a reconciliação, e anunciando a esperança viva que há em Jesus.

E então, vamos fazer alguma coisa? ■

40 anos de alcance e testemunho

Por Jessica Grant



Sandra, Lucinha, Alex, Carla, Roberto, Jucelania, Jaqueline, Marcos. Os nomes de pessoas que conheceram a Cristo por meio da Aliança Bíblica Universitária (ABU) de Seropédica (RJ) vêm fácil à mente dos participantes de diversas épocas. O grupo, que recentemente completou 40 anos de história, atua na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e é conhecido como ABU Rural.

Ao longo de sua trajetória, ele se envolveu em diversos projetos que impactaram seu contexto, além da vida de muitas pessoas. O lema abeuense "estudante alcançando estudante" somou-se à máxima "amizade que dá força, fé que sustenta", e geração após geração o grupo multiplica sua atuação e serve de exemplo de alcance, serviço e perseverança.»

» É a história de Laura Araujo, estudante de farmácia da UFRRJ. Ela nasceu em berço evangélico, mas conta que, ao entrar na universidade, se deslumbrou com a falsa liberdade. "Deixei-me ser influenciada pelas pessoas e eu mesma não era uma verdadeira influência naqueles lugares [que frequentava]", lembra.

"Aos poucos, com o agir do Espírito Santo, comecei a ser mais ativa nos movimentos cristãos. Conheci a ABU e isso me ajudou de várias formas: comecei a ver a importância da leitura bíblica, do estudo bíblico, a conhecer verdadeiramente quem é Jesus, quem eu sou e a ver o evangelho exatamente da forma que ele é. A minha antiga igreja local me ajudou muito também, tirando dúvidas de 'nova convertida'... Aos poucos fui vendo que algumas atitudes minhas não estavam de acordo com aquilo que eu me denominava ser."

Laura relata que ninguém lhe julgou, mas a acolheram. Ela é grata aos abeuenses que deixaram marcas eternas na sua vida, "marcas de transformação de uma pessoa que achava que estava tudo bem e que não tinha problema nenhum em fazer o que estava fazendo, e finalmente começou a perceber que estava tudo errado e que precisava, sim, de uma transformação!" Para Laura, a ABU foi o meio usado por Deus para revelar sua bondade, perdão, graça e misericórdia. ■ »

40 anos de transformações

O grupo da ABU Rural surgiu oficialmente em 1978. Claudio Vital, na época professor da faculdade, diz que as sementes do movimento surgiram por volta de 1976. "Quando entrei na ABU, não era estudante, era funcionário. Convidávamos pastores de Campo Grande para compartilhar, outros preletores de calibre", explica. Hoje aposentado, Claudio aponta que a veia evangelística já estava naqueles anos, quando os estudantes usavam folhetos para evangelizar.»



» Aloizio Lunga, graduado em economia e hoje professor na UFRRJ, entrou no segundo semestre de 1978. Ele não era tão assíduo na ABU porque morava em Seropédica e não no alojamento, mas foi atraído para o grupo pelas músicas. Gostava de conhecer as que não eram cantadas em sua igreja. Os encontros, segundo Aloizio, eram mais de estudo bíblico, mas mesmo assim se lembra de visitantes que conheceram a Cristo. "O pessoal [alcançava a universidade] organizando alguns eventos diferentes, convidando até grupos musicais", diz. Mas era o testemunho de suas vidas que impactava os colegas:

"Um dos rapazes que foi responsável pelo grupo, José Miguel, tinha uma característica interessante e as pessoas o reconheciam por isso: o rapaz da ABU era um cara que andava com um chinelo de cor diferente em cada pé. [...] [Em sua peculiaridade, ele se tornou conhecido e] pode testemunhar para outros que com certeza não eram evangélicos. As pessoas viam que os evangélicos tinham vida diferente."

Aloizio diz que os anos na ABU lhe ensinaram a não separar as pessoas. Criado numa igreja que não via com bons olhos outras denominações, o convívio ampliou sua noção de comunidade cristã. "Essas [tradições fechadas] foram ficando pelo caminho por causa do conhecimento das outras igrejas. Quando fui ao grupo, me senti muito bem, porque tinha pessoas dos mais diversos matizes e não me senti um peixe fora d'água." »

» Quando Josimar Gonçalves dos Santos entrou na UFRRJ em 1994, o grupo estava bem maior e mais atuante, conseguindo com facilidade os auditórios emprestados. Hoje professor de biologia e criador de galinhas, Josimar graduou-se em zootecnia e licenciatura em ciências agrícolas, ficando na Rural até 2000. Quando ingressou na universidade, logo buscou o grupo. "A Rural tinha uma fama não muito boa. As pessoas falavam de uso de droga, prostituição. E isso me preocupava, era uma realidade que eu nunca tinha vivido. Então quando cheguei e encontrei um grupo que tinha estudantes evangélicos e fui muito bem recebido foi pra mim uma salvação", relata sobre como se sentia seguro dos trotes enquanto calouro ("bixo", como chamam lá). "Posso falar sem medo nenhum que foi a melhor experiência da minha vida, tanto na estudantil quanto na espiritual."

Josimar diz que é fácil se lembrar das conversões e dos visitantes não cristãos, pois isso impactou sua vida pessoal. "Uma colega minha de ABU dividia o quarto com Anna Cássia, hoje minha esposa e na época não cristã. Ela se converteu no quarto e na ABU foi onde ela trilhou os primeiros passos no evangelho", relata. "Por isso falar da ABU é mais do que só uma participação. A ABU mudou minha vida por completo. Hoje, o que eu tenho, minha esposa e meus filhos, meus amigos, 90% talvez são amizades que fizemos na ABU." A prova é esta foto do seu casamento, para o qual foram 80 abeenses com um ônibus emprestado pela universidade!»



» Além disso, Josimar diz que a ABU lhe ensinou um evangelho e um evangelismo simples. "A questão do evangelho pessoal, do dia a dia, de sentar junto, comer junto, conversar. [Aprendi na ABU] uma forma de compartilhar o evangelho muito diferente. Essa forma de evangelizar me encantou."

"Uma colega de curso se dizia atea. Mas a convidávamos e ela frequentava a ABU. Formada, uns dois anos depois, ela me liga e diz que tem um convite para me fazer. Era o batismo dela. Foi a coisa mais forte que vivi. Ela gostava de estar junto conosco, dizia que não a atacávamos, recebíamos bem. E após a universidade, sentiu necessidade e foi procurar uma igreja. E aí se encontrou e se converteu."

Josimar também relata como os professores e até os reitores frequentavam a reunião. Foi em sua época também, encorajados por um capelão, que começaram a realizar a recepção dos calouros. »



» Já Nilsa de Oliveira foi estudar economia doméstica na UFRRJ em 2000. Hoje trabalhando no movimento nacional como secretária de formação na ABUB, ela participou do grupo até 2005, e de seus colegas da época, alguns são seus doadores até hoje. Em seu primeiro ano, apesar de convidada, Nilsa não quis participar. No ano seguinte, ela tirou uma nota vermelha e ficou triste. Sua mãe lhe aconselhou: "Filha, ora mais, estuda mais, procura gente para lhe ajudar". No mesmo dia, ela foi para a reunião da ABU.

"Quando cheguei, vi que tinha muita gente que eu conhecia. Fui tão bem recebida. Fiquei muito impactada com o estudo bíblico indutivo, achei o máximo. Quando terminou, ninguém me deixou ir embora, queriam saber quem eu era. Lembro que os motivos de oração eram sempre de matéria difícil, fiquei impressionada que o pessoal tinha dificuldades igual a mim. E oraram por mim", lembra. O acolhimento fez com que Nilsa ficasse.

Nos anos seguintes, o grupo recebeu os primeiros intercambistas da parceria da ABUB com a NKSS Noruega, que ficaram na região Leste e iam para a Rural. O segundo trio também ficou lá. O grupo se envolvia cada vez em mais atividades, como o café da manhã para os estudantes em todo início de período, com música e evangelismo, e com a Semana da Esperança, nos moldes do projeto criado pela ABU Viçosa (MG), cinco dias de atividades que abordam a depressão no meio universitário.»



» Por cerca de três anos a ABU Rural organizou uma vigília evangelística bem grande, a Jesus Night (foto acima). O evento, bem como outras atividades do grupo, tinham total apoio da universidade. "Tinha estudante que vinha da festa, duas ou três horas da manhã, e parava lá e assistia a vigília até o fim para tomar café da manhã conosco", conta Nilsa. O grupo convidava preletores, como Ziel Machado, ex-secretário geral da ABUB. Dessa vez, a vigília chegou a ter 300 pessoas e lotou a sala de estudos da universidade.

"Sempre tínhamos dois expositores da noite, no meio tempo tinha equipe de louvor, peças, sarau, testemunhos. No meio da noite parávamos para o lanche, e era o momento em que o pessoal da ABU se aproximava das pessoas para bater papo. Sempre nos apresentávamos como pessoas que eles podiam procurar em outros momentos, podiam contar conosco, com nossa oração e amizade."

Assim como os demais, Leticia Araújo Teixeira, estudante de engenharia de agrimensura e cartográfica na UFRRJ desde 2014, comenta que uma das formas que ela vê Deus usando o grupo é por meio da amizade. "Ao entrar na universidade achamos que estamos sozinhos e que ninguém nos entenderá, os cristãos, mas ao depararmos com um grupo que busca a Cristo e entende que seu campo missionário é a universidade, isso dá ânimo e forças para continuar", ela conta.

"Creio também que Deus tem nos usado para mudar os rótulos que os cristãos hoje recebem. Através de nossas ações temos levado o amor, respeito, compaixão que Cristo nos ensina e consequente desconstruindo esses títulos falsos. Também na oportunidade de anunciar o verdadeiro evangelho, amor, misericórdia e graça de Jesus." »



- » Mas o que faz o grupo persistir tão forte ao longo destes 40 anos, só crescendo em impacto? Para Nilsa e Josimar, um dos aspectos é a característica própria da UFRRJ: muitas pessoas vêm de longe e moram no alojamento da universidade, convivendo constantemente e criando laços profundos de amizade. Além disso, muitos cursos são integrais, os estudantes passam tempo juntos.

Mas não é só isso. Nilsa lembra que todo mundo era envolvido: "O trabalho sempre foi coletivo, todo mundo tinha uma participação, então aprendíamos as coisas". [Em entrevista ao site da ABUB no início deste ano](#), o ex-coordenador Esdras de Souza contou que aprendeu que a transição de liderança "seria um processo que envolveria não só quatro pessoas, mas todo um grupo".

Além disso, há o acompanhamento assíduo dos líderes anteriores e dos abeenses formados. "Quando entrei na diretoria do grupo, as meninas que saíram ficaram um pouquinho. Uma delas se formou, passou no mestrado, mas fazia questão de voltar às vezes. Quando não sabíamos o que fazer, tínhamos para quem perguntar", explica Nilsa.

Mais de 15 anos depois, é a mesma estratégia que Esdras compartilhou na entrevista à ABUB: "Entendemos que passar o bastão é um processo que envolve dedicação. [...] Seria necessário que ainda tivéssemos um tempo na universidade para acompanhar os novos [coordenadores], passando para eles tudo o que aprendemos, resolvendo suas dúvidas e os incentivando com palavras de bom ânimo".»

» Josimar, por sua vez, conta como os formandos procuram manter contato com o grupo e dar apoio no que for necessário. "Jaqueline, que se converteu na ABU, sempre ia lá e falava que o grupo estava forte, estava legal. Há cinco anos, Rodrigo, um primo que é como se fosse sobrinho para mim, entrou na Rural. Ele me ligou e disse: 'Tenho de ir para a universidade hoje porque vai começar a aula. Como é que faço?' Fui encaminhando ele até chegar na sala da ABU. Falei: 'Na minha época, nesse horário sempre teria gente aí. A porta está aberta?' Ele falou que sim. 'Então entra e se encontra, aí você já está em casa'."

Por intermédio de Rodrigo, Josimar passou a ter atualizações constantes da ABU Seropédica. Ele está, junto com Nilsa, num grupo de WhatsApp de abeuenses da Rural das décadas de 70 a 2000, e seguem apoiando os atuais estudantes.

"Isso ajuda o grupo a não se perder", comenta Nilsa. "Sempre tem alguém com quem você pode contar, para quem você pode perguntar. Esse é o grande diferencial. Essa presença, essa participação constante. É uma amizade que se desenvolve rápido e de maneira profunda entre os participantes. A amizade que nutrem diariamente dá força pra continuar, e a fé que experimentam juntos e que compartilham que sustenta também esse ministério há tanto tempo", diz lembrando o mote. ■ »



O sonho da sala própria



Em uma das conversas entre Josimar e seu primo Rodrigo, este enviou a foto acima, de um encontro que lotou a sala utilizada exclusivamente pela ABU dentro da UFRRJ. A universidade cedeu há anos o espaço, que estava com quase 100 pessoas naquele dia. Josimar foi positivamente incomodado: "Falei: 'Compramos 70 cadeiras e não cabe. Vou propor no grupo de WhatsApp para comprarmos cadeiras para vocês, porque o pessoal está sentado no chão!'". »

» Rodrigo conversou com os estudantes, que propuseram outro investimento: uma reforma. "Levantamos uma campanha e rapidamente conseguimos dinheiro para reformar a sala toda. [Os estudantes atuais] fizeram almofadas, móveis com reaproveitamento. A sala está bonita, reformada. Não tem dinheiro que pague", compartilha Josimar.

Na salinha pós-reforma há uma biblioteca com instrumentos como violão, cajon e teclado; mesa; Bíblias; cadeiras; quadro; estante onde guardam materiais; entre outros. "A salinha facilita na hora de nossas reuniões tanto de estudo bíblico indutivo quanto de diretoria. Facilita também na organização de eventos, além de promover um ambiente de acolhimento, conversas, aprendizagem e crescimento", explica o grupo contemporâneo.

Assim como a maioria dos grupos do país, por dez anos a ABU Seropédica se reunia em espaços abertos da universidade ou em salas cedidas pontualmente. Aloizio conta que as primeiras reuniões ocorriam na escadaria do Instituto de Zootecnia, e depois a amizade com um guarda abriu a possibilidade de usarem uma sala de aula. "Ficamos lá uma temporada e depois Claudio Vital, que era professor da instituição e trabalhava na biblioteca, arrumou o contato do porteiro do prédio principal, que arrumou uma sala lá dentro", conta Aloizio, que lembra a vez que este porteiro pediu aos estudantes para visitar seu filho enfermo e orar por ele»

» Josimar chegou na Rural quando o grupo da ABU tinha acabado de conquistar a sala própria, desde então usada apenas pelo movimento estudantil. O professor de biologia conta que a sala foi "doada pela universidade para os nossos encontros provavelmente em 1987. O decanato (hoje pró-reitoria) conhecia o grupo e doou o espaço. É um lugar estratégico, próximo aos alojamentos e ao restaurante universitário, o bandejão. Na hora do almoço, as pessoas se concentram no bandejão e depois vão para os quartos escovar os dentes. Os encontros aconteciam todos os dias na hora do almoço, com reuniões de oração e uma palavra rápida. As reuniões mais extensas aconteciam nas quartas à noite. Na parte do dia, pessoas que não moravam no alojamento tinham a possibilidade de participar. Mas como muitos moravam lá, na noite da quarta-feira participavam de forma mais tranquila".

O espaço exclusivo ajudou o grupo a alcançar mais pessoas, de tal forma que, na época de Nilsa, em 2002, já não dava mais conta. Quando descobriram que a sala ao lado da ABU era do diretório acadêmico de economia doméstica, do qual Nilsa fazia parte, as coordenadoras do grupo, Erika e Rute Quélvia, sugeriram pedir a sala. O instituto deles era longe e por isso não a ocupavam. "As reuniões davam 80 pessoas e não cabia mais. A pedido das coordenadoras, levei [a sugestão de ceder a sala] para o diretório, expliquei que fazia parte das duas coisas e o que era a ABU. Lembro que o pessoal era tranquilo e falou que tudo bem, que iam tentar conseguir outra sala mais próxima para usarem", disse Nilsa.»

- » Com a concordância do diretório, as coordenadoras fizeram um projeto explicando a importância do grupo dentro da universidade e como era importante aumentar o espaço e apresentaram à universidade, que ajudou na reforma para juntar as salas. Josimar conta que foram usados nisso os recursos restantes do Didaquê, um projeto que foi exemplo de como a ABU servia e abençoava a universidade e a outros. ■ »



Pessoal participa da reforma da salinha

Didaquê e outros exemplos de serviço



Pessoas faziam fila bem cedo para inscrições no projeto, que abriam à noite

Didaquê foi o nome que os abeuenses escolheram para o cursinho pré-vestibular comunitário da UFRRJ, pelo qual eram responsáveis. O projeto foi apoiado pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), quando em 2002 assinaram um acordo de cooperação e receberam financiamento da organização por dois anos. "Atendemos quase 500 alunos usando o Instituto de Matemática pra ter essas aulas a mais", conta Josimar.»

» Envolvidos na coordenação do curso até depois de graduado, ele conta que a ideia inicial não foi dos abeenses. "Em 1997, o decano de extensão pediu para chamarem os líderes dos grupos da universidade, como a ABU, a pastoral universitária, o grupo de tradições nordestinas etc. Eu era o líder da ABU e eu fui nessa reunião. Ele falou: 'A universidade tem alguns projetos de extensão, nós não estamos conseguindo trabalhar com todos eles, mas eu gostaria que funcionassem. Como vocês são representantes de grupos de estudantes, e os grupos são vinculados à universidade, gostaria que cada um assumisse um trabalho e fizesse acontecer'."

Ao dividir os projetos, o decano passou para a ABU a responsabilidade de cuidar de um curso de reforço para os filhos dos funcionários da universidade. O grupo começou a se reunir para planejar o projeto. "Elaboramos um projeto de pré-vestibular comunitário, com o objetivo de dar a oportunidade dessas pessoas entrarem, por exemplo, na própria Rural. Quando fui com essa proposta [para o decano], ele se espantou com o tamanho do projeto e ficou muito feliz."

Foi dada a largada no Didaquê em 1998, já com 120 alunos nas salas do Instituto de Educação à noite, aulas de segunda à sexta e simulados aos sábados. "Começamos com nada e fomos pensando em tudo", explica Josimar. "Como é que íamos fazer para as outras disciplinas que não tínhamos [curso de graduação] na Rural? Procuramos o decano que ofereceu bolsas de extensão para os alunos que seriam professores." Aos poucos, o curso se estruturava e, em 1999, das 160 vagas iniciais foram abertas 260.»



» A grande procura não era só dos alunos, mas também dos professores. O grupo teve de criar um processo de seleção, com editais e avaliação. "Havia mais candidatos do que precisávamos. Eram 17 professores." Os frutos foram aparecendo. Por volta do ano 2000, o primeiro aprovado em economia foi aluno do Didaquê.

Com o crescimento, o decano chamou a ABU Rural e disse que não podia arcar com todas as bolsas dadas aos professores, e sugeriu que cobrassem uma taxa pequena para custear as despesas. Josimar lembra:

"Ele disse: 'O dinheiro que sobrar, se sobrar, fica com o grupo de vocês'. No fim do ano, então, o dinheiro que sobrava era vertido para a ABU. No segundo ou terceiro ano, usamos o dinheiro para reformar nossa sala toda, que estava muito ruim. Compramos 70 cadeiras, que não tínhamos, e conseguimos ajudar as pessoas a irem para treinamentos regionais e nacionais da ABUB." »



Ex-alunos do Didaquê que entraram na universidade voltam para contar história

» Assim a sala foi aumentada, abençoando as próximas gerações. Mas o impacto do serviço do grupo nos alunos do Didaquê foi além. "Tínhamos oportunidade de evangelizá-los", conta Josimar. "Quando entravam na universidade, em gratidão à ABU, participavam do grupo e alguns viraram coordenadores do Didaquê."

Os reflexos de coordenar o projeto talharam na vida de Josimar um caráter relacional, que ele usa até hoje no seu dia a dia profissional.

"No Didaquê eu não era professor. Tratava da questão administrativa, mas muitas vezes chegavam pessoas para conversar. Pessoas muito difíceis, com a vida muito destruída, e ficávamos conversando. Hoje não consigo desvincular isso da minha vida profissional. Na escola onde trabalho, o meu superior sempre me chama para resolver uma questão de um aluno na conversa. Eu aprendi lá a olhar para as pessoas com outro olhar. Não de superioridade, mas aproveitar a oportunidade para estar junto dos adolescentes, evangelizar quando posso, mas quando não, ajudando mesmo."

Após nove anos, o novo reitor não achou bom manter o projeto sob a coordenação de estudantes. Mas o Didaquê já tinha aberto a porta para alguns alcançarem o ensino superior e servido como exemplo de serviço para muitos. »



- » Para além do Didaquê, serviço à comunidade é uma das marcas do grupo da ABU Seropédica. Nilsa contou no texto de abertura deste *Entre Nós* como o grupo de sua época serviu aos estudantes que não tinham como voltar para suas casas e ficavam no alojamento durante as greves. "Não podíamos apenas fazer parte da turma dos insatisfeitos, então fomos lá e fizemos algo", ela escreve no texto. Em entrevista, ela compartilhou como o grupo se unia a outros para servir aos estudantes:

"Teve aquele período da década de 2000 que teve várias greves, uma atrás da outra. Nessa época, começamos a abrir o bandeirão. Ele fechava, e o pessoal que morava lá passava muita dificuldade, até fome. [...] Na greve anterior, fizemos outra atividade. Reunimos com o [movimento de oração de mães] Desperta Débora e a capelania da universidade. Fazíamos pequenas cestas básicas e uma vez a cada quinze dias reuníamos o pessoal numa salinha, colocávamos filme para assistirem e no final distribuíamos as cestas básicas. Fizemos isso durante uma greve inteira."

O espírito de serviço é uma das marcas do grupo atual. A alimentação dos estudantes alojados na universidade continua sendo um problema. Recentemente, o grupo se mobilizou para providenciar uma refeição. "Tivemos a oportunidade de, além de servir o alimento, conversar com algumas pessoas, ouvir o que tinham a dizer e falar de Cristo", disse o grupo em relatório à ABUB. O grupo também alcançou os servidores da universidade num lindo gesto de gratidão: "Na Páscoa e no Natal, distribuimos bombons para os funcionários do restaurante universitário" (foto abaixo). Uma materialização do engajamento com a universidade.»



Entre nós:
nossas histórias

» Para tocar seus colegas em meio à dor (leia artigo sobre o assunto neste *Entre Nós*), no fim de período, o grupo distribui pela universidade frases de incentivo contra o estresse. "O impacto dessas frases foi muito legal", contam. "Tivemos relatos de como alguns precisavam ler aquilo ou como aquilo mudou o dia da pessoa." Outra preocupação é com a campanha de prevenção ao suicídio, Setembro Amarelo. "[Em 2017,] oferecemos vários serviços gratuitos, como corte de cabelo, unha, sobrancelha, roda de conversa com psiquiatra e psicólogo."

A semente do Didaquê, de alcançar os que estão fora da universidade, brota hoje em dois projetos. Um deles é o "Posso Ser Universitário Sim", chamado de POSSUS. Nele, os estudantes atuais vão em escolas e igrejas incentivar as pessoas a entrarem na universidade, explicando como é o processo, contando das bolsas e todos os detalhes. O grupo também atua no projeto nacional ABU no Enem (leia mais sobre esta iniciativa em artigo deste *Entre Nós*). »



» Dentre tantas atividades e histórias dos últimos 40 anos, Leticia compartilha o que aprendeu:

"Tenho aprendido que meu campo missionário é onde eu estou, onde Deus me colocou. Eu não sou dona da missão, sou apenas convidada pelo Pai a fazer parte dela, e que honra isso é. Tenho aprendido que tudo tem a ver com Cristo, não tem com o que sei, o quanto me capacito, ou quanto me esforço, tem tudo a ver com Cristo. Eu só posso fazer algo nele, sozinha nada posso fazer. Hoje compreendo que o que importa não é quantas pessoas eu evangelizei, mas se de fato investi tempo de qualidade em anunciar Cristo com cada uma delas."

O testemunho da universitária é a prova de como, geração após geração, o movimento missionário estudantil da ABU Rural continua transformando a universidade com o amor de Cristo. Transformação que se dá não apenas com a apresentação verbal do evangelho, mas por meio da amizade e do serviço aos colegas e demais pessoas ao redor. ■

Universidade além do diploma

Por Jessica Grant

É comum entrarmos na universidade focados no diploma, na carreira, na nossa vida futura. Mas os anos dentro do ambiente acadêmico ganham outro sentido quando o estudante percebe-se chamado por Deus para amar, servir e alcançar este universo. Esta é a visão da Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB): que os estudantes são missionários onde estão e, por isso, devem conhecer e envolver-se com a universidade em seus vários aspectos, **alcançando-a por completo.**

Foi o que Marcelo Dutra, engenheiro químico e assessor auxiliar da região São Paulo e Mato Grosso do Sul, aprendeu no seu tempo enquanto estudante. "A ABUB me fez perceber que eu não estava na universidade só para ganhar um diploma, mas para me envolver com as diferentes esferas que a universidade oferecia. E não só na questão de estarmos lá para compartilhar sobre Jesus com as

pessoas, mas também encarnar e poder viver o evangelho nesses diferentes espaços. Desses, a pesquisa acadêmica foi a que mais me chamou atenção e acabei me envolvendo mais", compartilha Dutra, que também fez mestrado. »

Entre nós:
nossas histórias

» Alcançar todo o universo acadêmico é o objetivo do [Engajamento com a Universidade](#), uma das áreas de foco da Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos ([IFES](#), na sigla em inglês), à qual somos associados. Para engajar-se com este espaço, é importante alcançar **não apenas os estudantes de graduação**, mas também os da pós, os pesquisadores, docentes, administradores e funcionários. Enquanto muitos cristãos têm receio de se envolver com este universo, Vinoth Ramachandra, secretário da IFES para diálogo e engajamento social (e uma das pessoas que encorajou Marcelo Dutra a seguir na área de pesquisa acadêmica), afirma no [site](#) da área que:

“Cristo já está no campus – nas fronteiras das pesquisas, nas salas de seminários, nos laboratórios, na biblioteca – onde a verdade esteja sendo descoberta, onde houver avanços na justiça, onde a beleza estiver sendo criada.”

Dessa forma, resta aos cristãos apontarem para Jesus nestes espaços, revelando a verdade, o amor e a justiça que muitos ainda não veem por completo. Como seria a universidade se levássemos o caráter cristão e os entendimentos bíblicos às disciplinas, conversas e pesquisas? Como poderíamos transformar o espaço acadêmico levantando valores de justiça e fazendo das instituições mais humanas?

“Finalmente, irmãos, tudo o que for verdadeiro, tudo o que for nobre, tudo o que for correto, tudo o que for puro, tudo o que for amável, tudo o que for de boa fama, se houver algo de excelente ou digno de louvor, pensem nessas coisas. Ponham em prática tudo o que vocês aprenderam, receberam, ouviram e viram em mim. E o Deus da paz estará com vocês.” Filipenses 4:8-9 (NVI). ■ »

Grandes questões



Dentro da área de Engajamento com a Universidade, a IFES lançou um projeto especial nomeado em inglês de “Big Issues” (grandes questões, em português). O projeto visa ajudar estudantes e docentes a integrar sua vida cristã e acadêmica e engajar-se com toda a universidade. A iniciativa é liderada pelo professor Ross McKenzie, físico australiano e docente na Universidade de Queensland.

Timothée Joset, obreiro da GBEU Suíça (movimento semelhante à ABUB) e cofacilitador do projeto, nos escreveu contando que o projeto já está terminando. "O que basicamente fizemos foi conduzir cinco consultas regionais que apontaram algumas das tendências atuais dentro da IFES, mas também algumas diferenças regionais. Além disso, conduzimos uma pesquisa online com toda IFES."»

» O projeto pesquisou e avaliou como os estudantes e docentes já engajam-se com a universidade em diferentes partes do mundo, para levantar assim também quais recursos são vistos como necessários em cada realidade. "Os materiais resultantes até agora são o site bigissues.ifesworld.org, assim como o **curso online Introdução ao Engajamento com a Universidade** (mais informações em www.ifesworld.org/etu), que está atualmente acontecendo com aproximadamente 180 participantes de 60 países em francês, espanhol e inglês", explica Joset.

Em **texto** publicado pela IFES, McKenzie afirma que "ao longo da história, as universidades têm sido os lugares nos quais as pessoas se envolvem com grandes questões: do significado da vida aos meios do florescimento humano. Vidas, visões de mundo e culturas são moldadas pelas conversas que ocorrem na universidade". Sobre o projeto, ele disse que "busca ajudar os alunos a pensar em como levar um coração e uma mente cristãos à universidade, como inspirar conversas cristãs em todo o mundo acadêmico e servir melhor à comunidade acadêmica".

Nas **primeiras consultas**, foram levantadas diversas questões, muitas das quais nos lembram o contexto brasileiro. No Sul da Ásia, por exemplo, observou-se que os **cursos** de engenharia e medicina são **idealizados e privilegiados**, além de que há falta de senso de comunidade por causa do **ensino à distância** e dos **estudantes que moram longe** de onde estudam.

Já nos países africanos de língua inglesa e portuguesa, foram levantadas perguntas sobre como relacionar-se com pessoas de **outra fé** e como pode uma universidade funcionar com tão **poucos recursos**. Por fim, na consulta do Pacífico Sul observou-se questões como o objetivo da universidade e da educação (é um **negócio**? é só para viabilizar salários maiores aos formados?), além de apontarem problemas como a **pobreza entre os estudantes**, que complica até mesmo suas participações nos treinamentos do movimento. »

» Joset nos contou que percebeu pelas consultas preocupações de natureza socioeconômica (pobreza, corrupção, violência, greves, conflitos etc.) em regiões em desenvolvimento ("majority world"), enquanto regiões desenvolvidas ("west") apontaram questões filosóficas (ateísmo, ciência versus religião, significado da vida etc.), além de moralidade pessoal (sexualidade, gênero, saúde mental). Na realidade brasileira, percebe-se por meio dos abeenses que encontramos todas essas questões.

"Uma pergunta comum era: 'Qual é o propósito da universidade?' Muitos estão preocupados que a mercantilização global das universidades significa que valores tradicionais de erudição, curiosidade, virtude, colegialidade e rigor intelectual foram perdidos. A educação e pesquisa universitária tem se tornado puramente utilitária com fins comerciais e profissionais." »



» Em relatório preliminar de maio de 2018, o projeto relatou que, dentre os pesquisados online, 25% identificou-se como não muito envolvido na vida e na comunidade da universidade, departamento, escola ou corpo docente; e 25% como envolvido com uma parte, mas não com o todo da universidade. Ou seja, 50% não são envolvidos plenamente na universidade.

Ao contrário da ideia de que para engajar-se na universidade é necessário envolver-se com pesquisa ou diretórios acadêmicos, Joset nos encoraja a pensar amplamente o chamado: "A questão não é se nos engajamos [ou não] com a universidade, mas como: é se eu, como estudante, simplesmente deixo minha mente e minhas emoções serem moldadas de forma acrítica pelo que é ensinado ou se estou me engajando em avaliar criticamente o que está acontecendo a partir da perspectiva cristã (entre outros textos, veja Romanos 12:2)."

Joset também fala que devemos lembrar do mandamento de amar ao próximo. "O que Deus pensa e sente sobre as pessoas florescendo e lutando nos campi? Quais são as suas necessidades percebidas, sentidas e reais? Que perguntas que elas realmente fazem?"

"A importância dos cristãos estarem presente em todas as áreas da universidade é que viver de maneira integral o evangelho", comenta o assessor auxiliar da ABUB Marcelo Dutra. Para ele, é importante não restringir o envolvimento, mas cada um buscar estar no espaço em que tem um dom. "Incomoda-me que às vezes podemos fazer este chamado, para que os cristãos se envolvam em todas as áreas da universidade, e as pessoas fiquem com um peso. 'Ah, porque já faço iniciação científica, tenho também de fazer parte da atlética, de debates de questões sociais?' Eu acho que devemos motivar as pessoas para que encontrem a vocação delas e em qual área da universidade precisam se envolver."»

» Agora na segunda fase, o projeto Big Issues construirá recursos de capacitação (sejam humanos ou materiais) para a área de Engajamento com a Universidade, a partir das questões levantadas nas consultas e pesquisa, explica Joset. Se tudo de certo, os resultados podem ser apresentados oficialmente na próxima Assembleia Mundial da IFES, que ocorrerá em 2019, na África do Sul.

“As armas com as quais lutamos não são humanas; ao contrário, são poderosas em Deus para destruir fortalezas. Destruímos argumentos e toda pretensão que se levanta contra o conhecimento de Deus e levamos cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo.”- 2 Coríntios 10:4-5 ■

O amor de Cristo nas portas do ENEM

Por Bárbara de Abreu Francisco*



Na Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB) fala-se muito sobre como Cristo redime todas as coisas. Isso nos traz uma perspectiva ampla da redenção, que além de nos salvar da morte eterna, nos traz vida e novas perspectivas em todas as áreas, incluindo questões decisivas e práticas como o curso que devo fazer e a carreira a seguir. É aí que entra o projeto ABU no ENEM, iniciativa de grupos da Aliança Bíblica Universitária (ABU) que visa demonstrar o amor de Cristo aos vestibulandos nos dias das provas para ingresso no ensino superior. É uma forma de anunciar a redenção também nesse momento dos estudantes. Aos 17 anos, pessoas são pressionadas a decidir o “rumo de suas vidas” por uma prova de múltipla escolha. Em contrapartida, **Cristo vem para nos dar sentido à vida** e fazer dessa fase um momento de oportunidades e aprendizados.»

» O ABU no ENEM não é uma ação evangelística no sentido literal da palavra, como pregar a salvação. Mas busca levar Cristo e seu amor nas mais diversas situações que podem ocorrer nos dias de prova, pois Jesus veio para trazer dignidade em todos os contextos.

Eu já fui uma vestibulanda. Todos que estão no ensino superior também. **Acredito que a empatia de quem já viveu aquele momento contribui para as ações do projeto.** É mais fácil entender a dor do outro quando um dia ela já foi a sua, ou de algum amigo próximo. Afinal, nem todo mundo teve alguma história triste de vestibular, mas todos conhecem um amigo de um amigo que teve. E hoje, quando olhamos para trás e vemos tudo que Deus fez durante esse período e depois olhamos para os que ainda estão ali, é natural que queiramos voltar para abrir o caminho. Ou torná-lo mais leve. É partilhar a dor, o nervosismo, a ansiedade e o medo do outro. Ao mesmo tempo, é partilhar do amor que Cristo tem por nós. Para quem já passou, isso talvez seja fácil de ver, mas para quem está no caminho, às vezes é difícil.

É bonito ver como se dá entre os grupos locais de ABU e entre as **diversas pessoas que colaboram**. Em uma das nossas reuniões anuais, um grupo se ofereceu para pagar as canetas (que seriam distribuídas na entrada dos locais de prova aos que esqueceram) para outro, que estava sem recursos. A igreja da minha cidade natal fez um campanha para reunir canetas para o meu grupo local. Quando estive lá nessa época da campanha, uma senhora me disse que comprou 10 canetas e estava feliz porque ajudaria os “estudantes missionários da faculdade” com elas. Para conseguir cumprir outra parte de nossas iniciativas, os vídeos com dicas para os vestibulandos, um dos nossos editores trabalhou internado. Uma igreja de uma cidade que não tinha ABU entrou em contato com a gente para participar do projeto em sua cidade. Um outro grupo de ABU quase abriu mão do projeto, pois entendeu que precisava cuidar dos estudantes que estavam ocupando as escolas na época em vez de ajudar a promover a prova.»

» E assim o projeto foi se tornando uma iniciativa nacional, sendo registrado pela imprensa de todo o país. Aparecemos muitas vezes em diversos jornais de vários estados, como MS, RO, SP, RJ, MG, entre outros. O [G1 do Mato Grosso do Sul](#) descreveu a ação: “com cartazes, sorriso no rosto e o braço estendido para quem quiser ali se encaixar, os jovens chegaram por volta das 8h”. Nas reportagens que aparecemos, era bonito ver os comentários das pessoas, que, sendo ou não cristãs, foram impactadas pela ação. **Em um país onde as pessoas são satirizadas por perderem a prova dos vestibulares, a repercussão positiva que tivemos reflete como Cristo de fato é nossa esperança**, em todas esferas da vida e que traz uma nova e melhor perspectiva, não apenas sobre nosso ponto de vista cristão, mas sobre todas as pessoas. ■

* Bárbara é estudante do último ano de engenharia física na UFSCar, em São Carlos (SP), onde participou da ABU, e é uma das pessoas que iniciou o projeto ABU no ENEM e até hoje ajuda os grupos a organizarem-no.



O alcance em meio à dor

*Por Jefferson Nunes**

A temática da depressão, ansiedade e suicídio têm tomado um lugar comum em nossas conversas, notícias e discussões diárias, e já se faz presente em nosso contexto de amigos, familiares, companheiros e bem possivelmente pode ser bem conhecida e encarnada por você, leitor ou leitora. Em tempos nos quais digerimos desenfreadamente os estímulos condicionantes do consumismo, relativismo e do hedonismo, não nos seria estranho esbarrar com as estatísticas preocupantes sobre a depressão, a ansiedade e o suicídio, considerando, em curto prazo, a possibilidade de termos um problema de saúde pública.»



Entre nós:
nossas histórias

» Fala-se que 5,8% da população brasileira sofre com depressão, isso equivale a 11,5 milhões de pessoas, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS). Significa que, em uma sala com 18 pessoas, uma é afetada pelo transtorno. Com a ansiedade não é diferente, o Brasil é o país com maior índice de transtornos de ansiedade do mundo, 9,3% da população padece com o problema (OMS), o equivalente a 18,6 milhões de pessoas, uma em cada onze. Já os números crescentes do suicídio têm demandado lentes ampliadoras e olhares mais atentos à questão, visto que “a cada 40 segundos uma pessoa se mata no mundo”, de acordo com o Centro de Valorização da Vida (CVV). No Brasil, considera-se que “em uma sala com 30 pessoas, cinco delas já pensaram em suicídio” (CVV). Quando o pensamento evolui para as vias de fato, nos deixa o triste relato de que “25 brasileiros morrem por dia vítimas de suicídio” (CVV). Ou seja, a cada hora um brasileiro tira sua própria vida.

Ao desenvolver estudo específico para averiguar a ideação suicida, a Unicamp chegou a conclusão de que 17% dos brasileiros chegaram a pensar em dar fim à própria vida em alguma época, e 4,8% chegaram a arquitetar um plano para tal. São dados alarmantes. As estatísticas sobre suicídio só aumentam, muito provavelmente você que está lendo já deve ter notícia de ao menos um caso de suicídio em seu contexto.

Mais particularmente no contexto universitário, que é um prolongamento do ambiente escolar e uma amostra cultural da sociedade, identificamos que sua sistemática aplicada tem deixado os **estudantes doentes**. A pressão por boas notas, a extenuante carga horária de aulas e estudos, as jornadas de três turnos entre trabalho e faculdade, as dificuldades financeiras, o esgotamento físico e mental, e em casos mais particulares, os comentários preconceituosos e até a rejeição, como a sofrida por alguns cotistas, contribuem para o desencadeamento desses transtornos e das ideações suicidas. A ameaça do desemprego e do fracasso profissional que acompanham o estudante na transição de sua formação, e que pode perdurar por sua vida profissional, acaba por corroborar para que esses fatores perdurem, o que demanda uma atenção especial preventiva e interventiva na grande maioria dos casos.»

Entre nós:
nossas histórias

» Nesse sentido, vale uma abordagem específica e integrativa da temática por parte dos grupos locais da Aliança Bíblica de Secundaristas (ABS), Aliança Bíblica Universitária (ABU) e Aliança Bíblica de Profissionais (ABP) no intuito de trabalhar esse aspecto **preventivo e interventivo** que tais problemáticas demandam, respeitando, por óbvio, o contexto particular que se aplica.

Como cita Cecília Meireles, “já não se morre de velhice nem de acidente, nem de doença, mas... de indiferença”. Dessa forma, ações simples e carregadas de empatia são bastante efetivas. Destacaria iniciativas como os abraços grátis e outras que pude observar na **Semana da Esperança**** ocorrida em 2016 na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), iniciativa da ABU Recife (PE). Houve, por exemplo, o mural de expressão de sentimentos e o momento de contato que singelamente só exigia o contato de olhos em silêncio entre pessoas desconhecidas. »



» Há outras ideias já disseminadas por outros grupos e igualmente válidas, como a criação de **grupos de apoio** nas redes sociais para compartilhar relatos e oferecer ajuda, a integração com núcleos de prevenção e atendimento psicológico das universidades, bem como a estruturação de grupos de prevenção e combate aos transtornos mentais. Essas ações são mais profundas, diretivas, específicas e efetivas, porém exigem uma organização e sistemática maior, além de envolvimento com outras frentes de trabalho.

As demais possibilidades de abordagens possíveis remetem a Semana da Esperança e ao evento “Deus em Questão”, da ABU Natal (RN). Esses demandam uma organização logística maior e uma integração multidisciplinar. No caso do primeiro, houve a realização de mesa redonda, debates e exibição de filmes voltados para o tema. No segundo, a proposta foi mais pontual, o **debate entre a temática e a visão teológica**.

Portanto, com essas ideias conseguimos abordar o assunto dentro dos ambientes diversos da missão, preocupados em levar sempre a proposta contracultural do evangelho, e alcançar os que estão perdidos em meio à dor, sempre preparados para justificar qual é a razão da nossa esperança. ■

*** Jefferson participou da ABU Recife (PE) desde 2006 e hoje está na ABP. Atualmente é psicólogo clínico.**

****** A Semana da Esperança é uma iniciativa criada pelo grupo da ABU Viçosa (MG) em 1998. Confrontados com histórias de depressão e suicídio em sua universidade, os abeenses decidiram criar ações especiais durante uma semana para levar uma mensagem de esperança ao ambiente estudantil. Eles continuam realizando a ação bianualmente há 20 anos. Outros grupos, como a ABU Seropédica (RJ), importaram o modelo em diferentes épocas. Entre os mais recentes, está a ABU Recife (PE), citada neste artigo.

Entre nós:
nossas histórias

Realidade universitária: negritude e missão

Por Jessica Grant

De acordo com o IBGE, os negros são mais de 54% da população nacional (pardos e pretos). No ensino superior brasileiro, eles constituem 35,8% (2011), porcentagem que triplicou em 10 anos impulsionada, entre outras coisas, pelas cotas raciais e sociais. No contexto universitário, no entanto, muitos enfrentam racismo e o movimento missionário estudantil pode responder a isso a partir da Palavra de Deus. Para conversar sobre o assunto, convidamos um estudante da ABU Vitória (ES), Timóteo. Já para contar mais sobre um café literário organizado por esse grupo local, também chamamos Estéfani, que participou da mesa do evento. Por fim, uma lista de referências para inspirar estudos bíblicos. Confira as conversas a seguir: »

» PARTE 1 – TIMÓTEO



“Sou negro porque Deus me fez negro”

Estudante de Ciências Sociais na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Timóteo André de Oliveira estava presente quando um professor de sua instituição disse que detestaria ser atendido por um médico negro. Desta vivência pessoal do racismo no meio acadêmico, ele percorreu um caminho que o levou a abordar a negritude para muito além do preconceito e a partir da cosmovisão cristã.

Em 2017, Timóteo foi um dos facilitadores do projeto “ABUB Contra o Racismo”, realizado em parceria com a [Tearfund](#). Seu grupo local também realizou em novembro do mesmo ano um café literário no [MUCANE](#), o Museu Capixaba do Negro, o primeiro evento cristão no espaço.

Para além de seus desenhos e sua poesia (ele também é artista!), nesta conversa com o *Entre Nós* Timóteo nos conta sobre sua história na ABUB, como passou a abordar a temática da cor sob a perspectiva bíblica na sua vida pessoal e dentro do movimento, além de seu envolvimento no projeto e o café literário.»

» Como você conheceu a ABUB?

Conheci pelo Gustavo [Marchetti, atual primeiro vice-presidente]. Ele faz parte da minha igreja e me convidou para ir no Curso de Férias (CF). Aí a gente foi caminhando junto e foi por meio da amizade. Nessas caminhadas, fui me aproximando e estou aqui até hoje.

Por que você ficou? O que lhe fez ficar?

Pela proposta que a ABUB tem, que é de dentro do meu contexto de área de humanas [ter] a possibilidade de debate, de responder às perguntas que são feitas, de como a fé cristã dá conta delas. Os [outros] grupos cristãos universitários costumam fazer muito culto, trabalham muito mais com ações explosivas, mas a ABUB é uma galera do livro, que senta e lê. O meu contexto de igreja estava mais de leitura e o universitário também. As perguntas que eu era questionado começaram a serem respondidas. Também essa questão do [Crer é também pensar, do \[John\] Stott](#), foi o que fechou tudo e fiquei [no movimento estudantil] por isso. É claro que pelas amizades, mas também por isso.

O que é o projeto “ABUB Contra o Racismo”?

É um projeto em parceria com a Tearfund, uma organização que financia projetos e trabalhos humanitários a partir do contexto de igrejas. A ABUB escreveu esse projeto para debater a questão. Na primeira fase, ele se propôs a discutir a temática com os facilitadores no grupo local, fazer uma sensibilização; em segundo momento, fazer um mapeamento de grupos cristãos ou não cristãos com envolvimento na temática; e por fim uma ação em conjunto com alguma igreja. Resumindo em uma frase, seria discutir racismo a partir da Bíblia, do cristianismo, o que a Bíblia tem a dizer sobre a temática. E fazer o combate ao racismo. »

» **Como você se tornou facilitador do projeto
“ABUB Contra o Racismo”?**

A gente já vinha tratando da questão do racismo nos encontros regionais. A gente fez isso em 2016, no CF em Macaé (RJ). E [a partir] desse momento fui trabalhando com o pessoal. Eu tenho envolvimento com o movimento negro e desde o começo fui questionado por essa questão: como sou cristão e estou caminhando com o movimento negro. Tanto a igreja quanto o movimento negro não entendiam isso. Alguns não entendem ainda. Então fui respondendo essas questões e nesse processo fui elaborando um pensamento sobre fé cristã e negritude. Estava meio que consolidada a questão comigo, e chegou um momento que me chamaram para dar essa oficina no CF. Lá conversei com a galera, vi que tinha gente também com essa questão, aí fizemos [novamente] no outro CF. Acho que tivemos três CFs que fizemos. E depois disso veio o “ABUB Contra o Racismo”. Então o debate já estava meio consolidado e a gente entrou para somar mais, pensando no projeto específico.

**E o que você chegou a fazer enquanto facilitador?
Quais iniciativas você participou?**

Eu montei uma oficina para o grupo local, a partir dessa oficina, com as pessoas que foram e se sensibilizaram com a temática, a gente tentou articular um encontro com a igreja local. Íamos fazer um seminário, que eu fiquei como articulador, com a fala para criança, adolescente e adulto, só que não aconteceu, infelizmente. Mas provavelmente vai acontecer este ano, se Deus quiser. »

» E o que foi o café literário no MUCANE, o Museu Capixaba do Negro, que o grupo da ABU Vitória organizou?

A diretoria [da ABU Vitória] teve a ideia antes do “ABUB Contra o Racismo”, e já estávamos articulando o evento. Íamos fazer em novembro, [mês do Dia da Consciência Negra]. Aí aconteceu de rolar o edital e juntamos as coisas, aproveitamos o financiamento para trazer o Marco Davi Oliveira, [pastor batista e autor de [A Bíblia e as cotas](#) e [A religião mais negra do Brasil](#), que foi o livro base do café]. Foi a diretoria local articulou o evento. A proposta do café foi trazer esse lado da questão racial que não é falado, ou é falado muito pouco, que é [o lado] dos negros pentecostais. Estatisticamente as igrejas pentecostais são maioria negra, enquanto o candomblé e a umbanda são de maioria branca. Então a questão de como o movimento negro vai chegar nesse lugar, como vai dialogar com esse povo, não é discutida pela maioria. A gente se propôs a, como cristãos, tentar ajudar no debate. A gente trouxe um cara que escreveu um livro sobre pentecostais e a negritude, que é o Marco Davi, que é o olhar acadêmico da questão; depois trouxemos um pastor negro pra falar com vivência a questão, o

pastor Josenil Souza do Rozario; e trouxemos uma estudante que está nestes dois lados, de ter vivência [como negra pentecostal] e também ter uma reflexão acadêmica da questão, Estéfani Régia [participante da ABU e filha do pastor Josenil]. »



» **Como foi a experiência e a reação do público?**

Tivemos vários públicos. Pelo que eu vi, não tenho certeza neste ponto, o movimento negro questionava o que ia acontecer, [mas] acabou que não foi o movimento negro, infelizmente. Foi um público cristão muito forte, muitas mulheres. Muita gente se sentiu contemplada no debate. Os apontamentos do pastor foram de vivência, foi muito bom, de como ele via a questão, a Estefani trouxe pontos de que o pentecostalismo tem dado conta de superar outros problemas. O Marco Davi trouxe um olhar histórico e chegou criticando alguns pontos do pentecostalismo que ele acha problemático, mas não foi uma tensão que desarticulou as conversas. O público reagiu bem, tivemos falas muito boas, do pessoal se identificando. Eu acho que o maior ganho, que é simbólico mas também é uma marca no estado [do Espírito Santo], é que foi o primeiro evento cristão dentro do Museu do Negro, que completou 25 anos este ano. Então a ABUB foi vanguarda nisso, e a gente também teve aquele “Deus desconhecido”, vamos dizer assim, dentro do museu: o nome da biblioteca é Joaquim Beato, que

foi um pastor presbiteriano do movimento negro aqui dentro do estado. Foi um evento representativo e passível de abrir algumas portas.

Que conselhos ou dicas você daria para outros grupos locais que têm interesse em realizar cafés literários ou eventos semelhantes?

Conselhos práticos: antecipe-se e forme uma equipe. Trabalhar com um livro base também é muito importante, porque você tem um fio condutor, mesmo que não seja um texto base, que ele pelo menos faça link e possa orientar as pessoas. A proposta nossa no começo era falar do livro do Davi, por exemplo. [Tenha] várias visões sobre o mesmo tema, isso enriquece. A gente viu que deu muito certo colocar uma pessoa que estava dentro da realidade, um acadêmico e uma pessoa intermediária. Mas o número não é muito importante, o importante é ter pelo menos duas visões. Aí pode contrapor, é bom. Um conselho que eu daria é usar muita arte, acho que a gente está num momento em que a arte é muito importante, as pessoas se interessam por boas histórias. [Os autores] C.S.Lewis e J.R.R.Tolkien já

» sabiam disso. Provavelmente as pessoas não vão gostar de sentar e ouvir você falar sobre sua dissertação, mas se você começar a recitar um poema elas vão lhe ouvir. Eu falo isso de experiência própria. [Timóteo escreve poemas e já recitou em eventos da ABUB.] Audiovisual, poesia... Também escolha boas pessoas para fazerem a divulgação que vai dar certo. E não divulgue no último dia, [anuncie] semanalmente. Ah! E ore! É muito importante.

Como você acha que a ABUB pode trabalhar o racismo, o preconceito, este problema que oprime as pessoas dentro da universidade? Como os grupos locais podem abordar isso a partir da Bíblia?

A ABUB tem esse instrumento que é o estudo bíblico indutivo [EBI, método de estudar a Bíblia]. É bacana pensar o EBI ou o próprio estudo bíblico porque você pergunta ao texto. Frisar as passagens bíblicas que tem pessoas negras é o primeiro passo, ver que a Bíblia tem pessoas negras. O segundo passo é pensar como que essas pessoas são apresentadas. Aí dentro do método do EBI você consegue ter bons resultados. A passagem de Agar, a passagem do etíope e Filipe, a igreja de Antioquia e Simeão [veja mais exemplos de trechos abaixo desta entrevista]. Tem muitos textos e tem muitos comentários a respeito. De material pra ser lido, infelizmente temos muito pouco. Isso de produzir material pra ajudar os cristãos a pensarem a temática é algo que eu tenho me proposto a fazer. Mas acho que o os dois livros do Marco Davi podem ser um bom começo. [Tem] outro texto muito bom, artigo pequeno de internet: [“O negro na Bíblia”](#), do Joaquim Beato. »

» **Como você aprendeu a fazer esta ponte na sua vida pessoal, entre a tua identidade negra e a tua fé?**

É uma história interessante. Começa quando eu sofri racismo dentro da universidade. [Um professor](#) falou que detestaria ser atendido por um médico ou advogado negro. Eu estava na sala, então deu muito problema. Nesse processo, fui acolhido pelo movimento negro, o [Coletivo Negra](#), e comecei a entender como eu dava conta disso. No fim daquele ano, fui chamado por um pastor para falar de negritude e Bíblia na igreja, [mas] eu nunca tinha falado. Então, foi aquela correria: “O que eu vou ler?”. Li esse texto do Beato e fui na cara e na coragem. Foi tenso porque era uma pessoa pra fazer a crítica à igreja e eu ia pra falar que a igreja tem coisas legais. [Falei sobre] como o negro é apresentado na Bíblia, de algumas pessoas negras na história da igreja que foram importantes. Mas uma coisa aconteceu e foi muito emblemática e daí veio o salto pra eu não lidar com minha negritude como uma resposta ao ódio, mas pensar outra perspectiva de resposta. Nas conclusões falei: “Não tem aquela piada racista que diz que Deus deixou o negro mais

tempo no forno e ele queimou? Essa piada é racista e ateia, porque ela compreende um Deus que erra. Meu Deus não erra. Se ele me fez assim, é porque ele quis”. Só que eu não tinha preparado essa fala, quando eu acabei de falar na minha cabeça virou uma chave: “Eu não sou negro porque eu sofri racismo, sou negro porque Deus me fez negro”. A gente acha que a Bíblia começa em Gênesis 3 com a queda, então eu estava me definindo pela queda -- sou negro porque eu sofri racismo --, mas essa virada me jogou pra criação. Eu não nasci na queda, Deus me fez negro. Foi um processo, mas nesse momento percebi a negritude dentro da cosmovisão cristã.

Então percebo que Deus criou o negro junto com o branco e essa galera toda na criação, porque Deus é trindade, e trindade diz respeito a unidade e diversidade. Então, ser à imagem de Deus é ser todo mundo humano, mas com direito a ser pessoa, como Deus é pessoa. A cara de Deus, no fim das contas, seria branca, negra, todo mundo junto e separado ao mesmo tempo. E o pecado é o ponto de não saber lidar com a

» diferença, de querer juntar toda diferença numa coisa só, que é o que o racismo propõe. Então o racismo é pecado, o segundo ponto da minha reflexão, porque apaga a criação de Deus e impede que a gente acesse aspectos do próprio Deus que ele colocou na negritude. A gente não consegue acessar porque acha que é um erro, que é amaldiçoado, [o racismo] impede que os negros se identifiquem com Deus, porque tornou Deus numa idolatria, numa imagem deles mesmos. E a última reflexão que até tive é sobre Gálatas, o que Paulo fala é sobre a questão racial também. Quando os judeus querem reduzir toda a fé cristã [ao seu povo e suas tradições], isso é um evangelho anátema. Historicamente, o que os europeus fizeram foi reduzir toda a fé cristã ao aspecto europeu, tirando os outros povos. E Paulo respondeu aos judeus que é anátema, o evangelho não está contido em um povo. Todas as tribos, povos e nações, todos irão te louvar.

Deus criou a gente negro, o racismo é pecado, e se Deus na cruz, em Cristo, estava reconciliando com ele o mundo, na cruz ele também quer reconciliar a negritude. Ele quer que o negro se reconcilie com si mesmo. E no final de todas as coisas, na consumação de toda a realidade, a negritude vai

estar presente, a cultura negra também vai estar no céu de algum jeito. É toda uma cosmovisão cristã. Não é uma resposta liberal, mas uma resposta que tenta dialogar com uma visão ortodoxa de criação, queda, redenção e consumação centrada na cruz, centrada em Cristo, na verdade, porque acho necessário isso. Não é preciso abrir mão das bases da fé, do credo apostólico, pra responder a essa questão. »

[Leia mais sobre trindade, racismo e a resposta cristã desenvolvida por Timóteo no texto que ele escreveu para o site da ABUB.]



Entre nós:
nossas histórias

» **De que maneira a questão da negritude e do racismo estão presentes na realidade estudantil e por que isso é importante para a missão universitária?**

É uma questão latente. O movimento estudantil, o contexto estudantil está recebendo a população negra agora. As cotas fizeram [mais de] 10 anos agora [\[leia mais sobre a história das cotas\]](#), e é um público novo entrando com outras questões, outra visão de mundo, problemas sociais e econômicos que interferem na produção acadêmica deles. São os primeiros da família, muitos trabalham. E também o movimento negro pensa que é um corpo estranho nesse lugar, porque o negro sempre aparece como objeto na universidade, não como quem fala. Há um esvaziamento nessa dimensão da produção acadêmica. É tudo muito novo, faltam outras leituras, é outro olhar. O desejo das ações afirmativas, das cotas, é trazer diversidade pra universidade, diversificar o saber. Mas é um ambiente de conflito, é um momento comum [os estudantes] compreenderem-se negros na universidade, porque é o espaço de maior confronto. Então a missão estudantil [precisa] estar nesse lugar pra dar conta dessas questões,

como a gente vai receber essa galera. Um ponto que é mais empírico, não tenho dados pra afirmar isso, é pensar o aumento dos pentecostais na ABUB. Historicamente existe uma quantidade enorme de presbiterianos, batistas, maioria de cor branca, e a inserção dos pentecostais na ABUB tem crescido muito. Não sei se a cota é um fator disso, mas é um ponto a se pensar. [...] A questão não é só dentro da universidade, mas entre nossos estudantes. Como a ABUB recebe a população negra, os racismos que a ABUB tem guardado etc. »

» O tema deste Entre Nós é “Alcance”, e nessa entrevista estamos trazendo justamente como a ABUB alcança estas questões da negritude e do racismo. Olhando para o movimento e pensando em tudo isso, como você acha que a ABUB consegue alcançar os estudantes a partir dessas pautas?

A ABUB tem vários jeitos de missão, tem o serviço, evangelismo, mas acho que a grande marca da ABUB é a formação. Acho que a ABUB tem a potencialidade de duas frentes, uma delas é da formação, esse chamado de produzir material, textos críticos, poesia. E tendo isso, a ABUB também se propõe jogar esse cara no mundo e ser luz no mundo com essa formação que teve. Não é a toa que uma música marcante da ABUB é “Marcharemos”, agora que você sabe, marche. A ABUB tem esse lugar de ir e praticar o saber. A missão tem a contribuir neste ponto. Meu processo no movimento se deu nesses caminhos: oficinas, nas oficinas levantou-se questões, das questões a gente foi pastoreando a galera, e quando foi ver a galera já estava dando outras oficinas e a parada está andando. Um formando o outro, e isso vai mudando as atitudes das pessoas e o mundo vai mudando.

Estudante formando estudante...

É, estudante formando estudante! A ABUB tem um caminho longo a caminhar. Pelos relatórios que vimos [da “ABUB Contra o Racismo”], tivemos boa entrada em muitos grupos, mas em muitos o debate estava muito inicial. Há um caminho a percorrer. [O que] a “ABUB Contra o Racismo” [fez] foi jogar luz a isso. Claro, tiveram pessoas que jogaram luz anteriormente, mas esse projeto mostrou uma questão que tem de ser mais trabalhada. Espero que a gente consiga trabalhar mais, mesmo sem projeto específico.

» PARTE 2 — ESTÉFANI



“Reavaliar minha história, minhas vivências e compartilhar”

Estéfani Régia é estudante do curso de Pedagogia na UFES e congrega na igreja Assembleia de Deus em Cocal. Ela participa do grupo local da ABU Vitória e esteve na mesa do café literário para compartilhar um pouco da sua vivência como mulher negra pentecostal. Ela nos contou como foi sua experiência: »

» **Como foi participar da mesa do café literário?**

A princípio, o convite para compor a mesa do café literário me deixou temerosa. Mas o momento foi magnífico, por muitos motivos. Eu diria que os principais são: era um evento promovido por um grupo cristão, no centro da capital e no único museu do negro no estado; e claro, porque estava acompanhada do meu pai na mesa. Por fim, dividir com amigos e irmãos o que tenho vivenciado e estudado sobre a questão do negro e, nesse caso, do negro pentecostal, foi a oportunidade de reavaliar minha história, minhas vivências e depois compartilhar.

Qual é sua vivência na ABUB enquanto mulher negra?

Eu me aproximei das questões sobre negritude principalmente por meio da ABUB. Eu já estava pensando sobre as questões estéticas que perpassavam ser negra desde 2014. Em 2016, no CF de Macaé, na oficina sobre negritude, muitas dúvidas foram sanadas, mas muitas outras surgiram. Desde então, o movimento tem me proporcionado espaços para pensar o tema, como o "ABUB Contra o Racismo".

O tema deste *Entre Nós* é "Alcance". De que maneira a ABUB pode abordar e trabalhar negritude e racismo, alcançando estas questões e estes estudantes e impactando nosso contexto missionário com a perspectiva bíblica?

Eu acredito que a ABUB tem feito um excelente trabalho de fomento do tema por meio do "ABUB Contra o Racismo". Portanto, a primeira ação é continuar apoiando esse projeto. A partir dele, creio que [pode haver] o apoio e o incentivo para que os facilitadores do projeto produzam materiais de diferentes natureza, como livros, poesias, música, vídeos sobre os eventos, as experiências, e claro, sobre o tema; e incentivar a criação de mais espaços de debate, como fóruns, seminários e cafés literários. »

» **SUGESTÕES DE TEXTOS BÍBLICOS COM PERSONAGENS
NEGROS (CUXITAS, ETÍOPES, EGÍPCIOS, ENTRE OUTROS)**

Cam - Gênesis 10:6, 1 Crônicas 1:8

Agar (ou Hagar) e Ismael - Gênesis 16:1-16

Esposa cuxita (etíope) de Moisés - Números 12

Servo cuxita ou etíope - 2 Samuel 18:21-32

Esposa egípcia de Salomão - 1 Reis 3:1; 9:16; 11:1

A rainha de Sabá - 1 Reis 10:1-13

A amada - Cântico dos Cânticos 1:5

Jeudi, bisneto de negro - Jeremias 36:14

Ebede-Meleque - Jeremias 38:6-13

Simão de Cirene - Mateus 27:32; Marcos 15:21; Lucas 23:26

Eunuco etíope, oficial da rainha Candace - Atos 8:26-39

Simeão de Antioquia e Lúcio de Cirene - Atos 13:1 ■

O salmo de Raíra: como Deus salvou uma estudante

Por Jessica Grant



Raíra (que está tirando a foto) e o grupo da ABU Pirassununga (SP)

A estudante Raíra Luna Lopes acredita que a Aliança Bíblica Universitária deve estar no campus para mostrar Deus aos estudantes. Afinal, foi este o papel que o movimento missionário estudantil teve em sua vida, quando ela foi buscar entender o Deus que estava falando com ela por meio dos Salmos.

Raíra e sua família frequentavam, esporadicamente, a igreja católica e um centro de meditação hindu, mas ela tinha abandonado ambos ao entrar na Universidade de São Paulo (USP) para estudar veterinária em 2013. Em 2015, ela foi pela primeira vez numa reunião da ABU Pirassununga (SP), onde compreendeu o evangelho e cresceu na fé, com os altos e baixos normais da caminhada cristã.

Neste semestre, Raíra está num intercâmbio nos Estados Unidos e já encontrou grupos cristãos para conviver e impactar a universidade de lá. Conversamos com ela para descobrir como a ABUB tem alcançado estudantes para Cristo, impactando e transformando suas vidas, assim como foi com ela. »

» "É importante um grupo que fale o que está faltando"

**Como você conheceu a Cristo e a ABUB?
Qual é a sua história?**

A minha conversão foi no finalzinho de 2015. Eu já tinha crises depressivas desde criança, mas não sabia o que era, e mais ou menos no começo de 2015 fui ao psiquiatra do *campus*. Comecei a desconfiar que tinha [depressão] quando entrei na faculdade. Foi quando comecei a me tratar com antidepressivo. Perto do fim do ano, viajei e esqueci o remédio. Fiquei quatro dias sem e tive a pior crise, cheguei a não querer mais viver. Não tentei me matar, mas falei pra minha mãe que só estava viva porque eles ficariam muito tristes se eu não estivesse, mas não tinha mais vontade de viver. Eram picos, em que eu estava bem e de repente tinha esses pensamentos, esses sentimentos. Nessa altura, minha mãe me deu um livro do padre Marcelo Rossi, *Philia*, e, como ele teve depressão, abordava muito isso e a nossa necessidade de Deus. Mas estava muito mal e não conseguia absorver o livro. Quando terminei de ler, peguei uma Bíblia católica que tinha em casa e comecei a ler os Salmos. Comecei a ouvir

Deus falando comigo, comecei a sentir ele me consolando, ele me ouvindo. Conforme lia, chorava e clamava, eu comecei a sentir que aqueles clamores eram meus também, sabe? [Na época, Raíra deixou um salmo na parede de seu apartamento, nós adicionamos ele no final da entrevista.] Que as minhas dores estavam descritas ali. Foi quando lembrei que tinha dois meninos da minha sala que iam nas reuniões da ABU.

Eles comentavam que estavam indo ou vindo de um estudo, e me chamaram duas vezes. Mas eu falava: "Ah, não, isso não é pra mim". Quando o Ivan [Lange] me convidou, eu falei: "Isso é tipo de religião?" Ele falou que podia ir [gente de] qualquer religião. Aí falei: "Ah, não, mas acho que não é pra mim". Quando comecei a sentir Deus quebrantar meu coração, falar comigo, eu os procurei e perguntei quando era a reunião. Era no dia seguinte, uma quarta-feira. Encontrei o Felipe Rós na biblioteca, perguntei o horário e eu fui. Na verdade, ele me falou um horário

» mais cedo, não sei se estava com medo que eu me atrasasse, falou cinco ou dez minutos mais cedo, e eu fiquei lá e não tinha ninguém. Aí fiquei preocupada [risos]. Mas depois apareceu o pessoal.

Nesse dia não foi um estudo bíblico indutivo (EBI). Era pra ser um EBI e alguém esqueceu de levar, mas eu nem sabia disso. Então foi só um texto do [site] *Voltemos ao evangelho*, “Quem me livrará de mim mesmo”. Falava justamente dessa questão de autossabotagem, [que] era muito o que eu vivia. Eu criava valores, conceitos pra continuar minha vida, e isso era o certo. Eu vivia daquela forma até que chegava num ponto que desabava de novo, que não fazia sentido pra mim, me arrependia de muitas coisas que tinha feito, me sentia um lixo e criava novos conceitos. Depois desmanchava de novo. Vivia nisso e não aguentava mais. Quando comecei o tratamento da depressão, tinha muita esperança de que não iria viver isso de novo. Por isso, quando tive essa crise mais forte, eu falava: “Não, eu não vou aguentar, se for pra viver o resto da minha vida assim, eu não quero mais”. Porque todo ano eu tinha pelo menos uma crise.

O dia seguinte era o Dia Mundial do Estudante, e eu fui também. E era votação da nova diretoria, eu não entendi nada. Mas teve uma oração. Eu fiquei em



silêncio, a galera orou em grupos, abraçados em rodinhas. Já estava com esperança, estava sentindo que era ali que eu encontraria a solução pra minha vida. Eles me chamaram pra ir no Conselho Regional [CR, evento do governança da região], que foi em São José do Rio Preto (SP). Foi quando eu ouvi o evangelho. Na verdade, já tinha ouvido nas missas,

Entre nós:
nossas histórias

» mas foi lá que eu realmente entendi e acreditei. Quem pregou primeiro foi o [assessor regional] Josué [Bratfich]. Vieram milhares de coisas na minha cabeça, milhares de pensamentos, e a galera super me ajudou. Eu sentava na hora do almoço, conversava e perguntava várias dúvidas. A galera respondia, não titubeava. Acho que era realmente o Espírito Santo agindo, porque hoje eu vejo que [apesar de já ter aprendido muita coisa] às vezes tem pergunta que você dá uma vacilada. A galera não vacilava, a galera respondia super claramente. No horário livre, as meninas me chamaram pra ir dançar forró e eu não consegui ir porque estava com dor de cabeça do tanto que eu estava absorvendo, sabe? Chorei bastante no quarto, também estava saindo de um relacionamento que eu tinha feito muita coisa errada, então eu estava muito mal. Quando voltei, pedi pra Sofia [de Lima Pacagnella] me levar à igreja, e no dia seguinte a gente foi na reunião de oração. Desde então estou na igreja. Isso foi em outubro, em fevereiro eu fui batizada.

Ah, sempre esqueço de contar. No começo do ano seguinte, fui ao médico. E ele falou que eu já estava de alta, não precisava tomar mais o remédio. Até hoje estou bem, não tive mais crise.

E você continuou participando do movimento?

Continuei participando, depois entrei na diretoria na comunicação [em 2017]. Eu comecei a ajudar em eventos. A gente teve o luau, o CR. Depois entrei na diretoria [local].

E você foi para os Cursos de Férias (CF) e Instituto de Preparação de Líderes (IPL)? Como foi?



Fui pro [CF de tema] “Livres porém servos”, e foi muito legal. A gente estudou Gálatas e muita gente que estava lá tinha muitos anos de conversão, alguns nasceram na igreja. Eles tinham

Entre nós:
nossas histórias

» muitas coisas legalistas formadas na cabeça deles, e ali desconstruíram. Mas, apesar de ter só menos de um ano de conversão, também já tinha muitas coisas que tinha construído pra mim, sabe? [Por exemplo,] que eu *tinha* de fazer uma oração de manhã senão meu dia não ia ser bom, coisas assim. Foi sensacional para me motivar no movimento, para voltarmos com mais gás. Ouvi muitas ideias diferentes, porque no CR a gente não teve tempo de trocar ideias do que estávamos fazendo em cada grupo.

O IPL [2018] foi sensacional também. Eu já estava vivendo outra fase da minha vida. Nos CR's e no CF estava super empolgada, eu me sentia em casa e queria falar, queria participar. No IPL, estava esfriando aquela primeira empolgação, aquele primeiro amor. Estava me sentindo mal por isso. Foi um momento pra trabalhar isso, conversei com muita gente sobre isso..

Foi muito legal o trabalho em grupo da nossa parte prática. Viver com pessoas totalmente diferentes de mim, aprender a lidar um com o outro, aprendi muita coisa com eles. Também [aprendi] como liderar com amor, sem impor, sem estourar. Aprendi muito também sobre hospitalidade, a família que recebeu a gente foi incrível. Eles estavam passando por vários

perrengues, e fiquei muito constrangida por isso. Ainda assim, com todas as dificuldades, receberam muito bem, acolheram muito a gente. Eu voltei querendo receber as pessoas. Antes eu pensava que, se eu não estou bem, é melhor não receber ninguém, meio que “eu não sou obrigada”. Mas lá eu vi que é o que glorifica a Deus. Amar as pessoas, servir, independente de como você esteja.

Você fala disso de estar esfriando, das fases normais da fé, como Deus respondeu através do IPL?

Lembro de uma das conversas que tive com uma das assessoras, ela falou isso, que é uma fase em que você está amadurecendo. É como uma criança. Quando você é criança, seu pai sempre está ali, em cima de você, sempre cuidando. Sempre de olho em você pra que você não faça nada de errado, porque você ainda não sabe lidar com a vida. Tudo é uma festa pra você. Mas conforme você vai amadurecendo, você tem de enfrentar algumas coisas. A responsabilidade passa a ser sua. Seus pais se afastam mais, lhe dão autonomia. Se retiram um pouco, lhe deixam um pouco mais livre. O que eu estou sentindo é essa distância, e é nisso que eu vou exercitar a

Entre nós:
nossas histórias

» minha fé. Mesmo não sentindo, não tendo aquela emoção, aquele entusiasmo, aquela alegria, eu ainda vou continuar crendo e obedecendo. Isso que é a fé. Só obedecer e seguir quando estiver sentindo alegria, sentindo emoções, você não estará realmente crendo, a fé é também seguir quando não for bom, quando for doloroso. Essa foi a conversa que mais me ajudou, entre outras coisas e orações que tivemos.

O tema deste *Entre Nós* é "Alcance". Hoje em dia, como você vê a importância de ter um grupo na universidade buscando alcançar os não cristãos?

Estou vendo aqui nos Estados Unidos que tem muitos grupos e muitas igrejas presentes na universidade, pois o protestantismo é mais forte, mas no Brasil, não. Na nossa faculdade, a gente só tinha a ABU de grupo cristão. Eu acho que é muito, muito importante. Porque dá a oportunidade das pessoas conhecerem. A gente entra na faculdade meio louco, pelo menos eu fui assim. Entrei com 18 anos, tem gente que entra com 17. E a gente entra muito vulnerável. A gente quer ser aceito, e as pessoas que já estão lá dentro se mostram muito confiantes em si mesmas, como se soubessem de tudo, e a gente compra essa ideia. Tudo o que as pessoas falam, fazem, a gente acha que é super legal, é inovador.



“Porque na minha casa a minha família não pensa assim, olha o que a gente estava perdendo...” A gente quer fazer parte daquilo, e - na real - tem muita coisa ruim. Acho importante ter alguém que fale de Deus, que fale que não é só isso, não é só “vamos curtir a vida”, tem coisa além disso. Porque no fim das contas, uma hora ou outra, as pessoas que estão vivendo só isso vão sentir um vazio, que a falta de Deus causa. Então é importante que tenha um grupo ali que fale o que está faltando. “Ainda há esperança, é por isso que você está sentindo um vazio, existe um Deus que tem um propósito pra sua vida, que lhe criou, que lhe ama.” E não só pra quem não conhece a Cristo, quanto pra quem conhece também, que entra na faculdade e da mesma forma, infelizmente, é

Entre nós:
nossas histórias

» vulnerável e aceita muitas coisas. Quer viver uma vida diferente na faculdade e acaba sendo envolvido por várias coisas que não são legais, não são produtivas. É importante ter alguém que mostre: “Não precisa ser assim, você não precisa viver como a maioria das pessoas vivem. E a gente pode lhe ajudar e caminhar com você nisso. Vamos com a gente tentar caminhar contra essa corrente”.

Qual é a importância da ABUB no fortalecimento da fé? Como o grupo no dia a dia lhe ajudou a fortalecer sua fé depois da conversão?

Primeiramente, o que a gente vê, antes de ir pro estudo, ou realmente entender o estudo, é a amizade, a união do grupo. Aquele amor desinteressado mesmo. O que a gente vive hoje em dia, e principalmente na faculdade, são relacionamentos que sempre buscam algo de você. Se você não tiver nada a me oferecer, não vou manter esse relacionamento. E lá eu não vi isso. Ninguém estava mostrando o que fazia, o que era, o que tinha, a gente estava ali, todo mundo junto, como igual no relacionamento, na forma com que um tratava o outro. E isso foi o que já de cara me fez sentir bem, porque me senti acolhida, senti que podia confiar e que eu tinha pessoas com quem eu podia

contar. Acho que isso é importante pra todo mundo, tanto pra quem está entrando e ainda não conhece a Cristo quanto pra quem já está. É muito importante ter amizades cristãs pra lhe aconselhar, exortar e consolar de acordo com a Palavra. Fora isso, eu acho que a questão da fidelidade do evangelho, de estar firme no que está escrito, de estudar, é algo novo pra mim. Na ABU a gente busca entender de verdade e, assim, fica mais fácil aplicar na nossa vida, porque a gente realmente entende. Entende o contexto, estuda aquele livro, entende porque foi escrito, pra quem, então você consegue entender melhor o que Deus quis lhe passar naquela mensagem e aplicar mais na sua vida.

E como sua família reagiu a sua conversão?

Reagiram super bem. Inclusive antes da minha conversão eles começaram a ir mais na igreja católica. Antes a gente ia nos dois [católica e centro de meditação hindu], e ia quando dava. Era mais pra bater o ponto do que porque a gente queria ou achava que precisava. Mas um pouco antes da minha conversão, eles fizeram um encontro de casais na católica e começaram a frequentar de verdade. Então acharam muito bom eu ir [na igreja], acho que nem sabiam as diferenças doutrinárias. Depois disso, foi muito produtivo. Como eu estava muito

Entre nós:
nossas histórias

» interessada e eles também, a gente começou a buscar juntos. Começou a fazer devocional juntos, começou a discutir sobre a Bíblia. Comecei a ter várias conversas com a minha irmã e ela começou a frequentar o grupo de jovens da igreja católica. Vejo que foi uma influência positiva pra todos nós. Eles comigo – afinal foi minha mãe que me deu o livro no começo – e o contrário também. Hoje temos alguns atritos, infelizmente acontecem algumas discussões [por discordâncias doutrinárias]. Ainda é um motivo de oração.



Por fim, como podemos orar por seu grupo local, a ABU Pirassununga, e por você enquanto está no seu intercâmbio?

Felizmente hoje me passaram que teve uma visitante nova no grupo, e isso trouxe ânimo. Ela está muito animada, querendo buscar igreja. Acredito que o motivo de oração pelo grupo é por mais união e, principalmente, mais comprometimento. A galera precisa de mais edificação na fé. Lembrar realmente porque a gente está fazendo isso, da grandeza de Deus, da importância da nossa dependência dele. Mais do que qualquer divulgação ou evento que podemos fazer, o que importa é o testemunho que cada um é no grupo que frequenta, na sala. Isso acaba influenciando mais. E pelo nosso próximo evento, o luau em setembro.

Por mim, pelo meu desempenho nas aulas, na pesquisa e no trabalho enquanto estou aqui no intercâmbio. ■

*"Ao Senhor clamo em alta voz,
e do seu santo monte ele me responde.
Eu me deito e durmo, e torno a acordar,
porque é o Senhor que me sustém.
Não me assustam os milhares que me cercam.
Levanta-te, Senhor!
Salva-me, Deus meu!"
Salmo 3:4-7a*

Entre nós:
nossas histórias

ABUB em 2018 — Prestação de contas

Organização: Tályta Alencar

“Vocês conhecem a graça de nosso Senhor Jesus Cristo. Embora fosse rico, por amor a vocês ele se fez pobre, para que por meio da pobreza dele vocês se tornassem ricos.”
2 Coríntios 8:9 (NVI)

O Deus que é abundante em generosidade não só deu aos homens seu sopro de vida, a criação e toda boa dádiva como também entregou seu próprio filho a nós, seu maior ato de generosidade.

Só através do Espírito Santo e em obediência é que podemos compreender e aprender sobre essa entrega incondicional e amorosa. Ele nos desafia em nosso coração a responder de igual modo. Assim, poderemos exercer livremente a generosidade por meio do serviço, dons, talentos e recursos financeiros, o que produzirá paz, alegria e comunhão, e não pesar, culpa, obrigação ou sentimento de controle sobre a quem se doa (2 Coríntios 9:7).

Queremos continuar fortalecendo nossa comunidade nesta verdade: exercer a generosidade é refletir essa entrega de Deus ao mundo e nos faz um só povo. Por meio da obediência, serviço e doações de cada um de vocês fazemos o Reino de Deus vir à tona no meio estudantil, visão pela qual Deus nos chamou, por meio do acolhimento aos estudantes, do serviço com trabalhos voluntários, das atividades como grupo estudantil, do discipulado, das orações, das doações e de tantas outras formas.

E por esta razão queremos compartilhar com vocês o que fizemos em 2018, bem como a forma que usamos os nossos recursos financeiros e o que sonhamos para os próximos anos. ■

Prestação
de contas:
nossos números

2. Assessoria auxiliar



Os assessores auxiliares são profissionais que se dedicam voluntariamente para ajudar no trabalho regional. Eles acompanham grupos locais e auxiliam nos encontros de formação com o obreiro regional, o assessor que dedica tempo integral ou parcial ao ministério. **Terminamos 2018 com 52 assessores auxiliares.**

3. Assessores regionais e nacionais da ABUB

Concluímos 2018 com uma equipe de 20 assessores, também chamados de obreiros, que trabalham em tempo integral ou parcial na ABUB. São:

- a) Dez obreiros de campo nas regiões:
 - Dois obreiros na região Nordeste, Gilvânia e Felipe.
 - Dois na região Minas Gerais, Karen e Heitor;
 - Dois na região São Paulo e Mato Grosso do Sul (SP/MS), Pedro e Josué;
 - Um na região Leste, Pablo;
 - Uma na região Norte, Consuelo;
 - Uma na região Centro-Oeste, Jéssica Kelly;
 - Um na região Sul, Thiago.
- b) Uma obreira nacional servindo o ministério com estudantes do ensino médio (ABS), Lia;
- c) Quatro no escritório nacional:
 - Assessoras de administração, Cássia e Natália;
 - Mobilização de recursos, Tályta;
 - Comunicação e arte, Jessica Grant.
- d) Cinco na secretaria executiva da ABUB:
 - Secretária geral, Sarah;
 - Secretários de formação, Ivanilsa e Natan;
 - Secretária de administração e comunicação, Giovanna;
 - Secretária de engajamento missionário, Morgana.



Prestação
de contas:
nossos números

Além dos obreiros também contamos com uma funcionária no Escritório Nacional, a assistente administrativa Cássia Surama, que nos auxilia nas rotinas administrativas, processos operacionais e logísticos da ABUB.

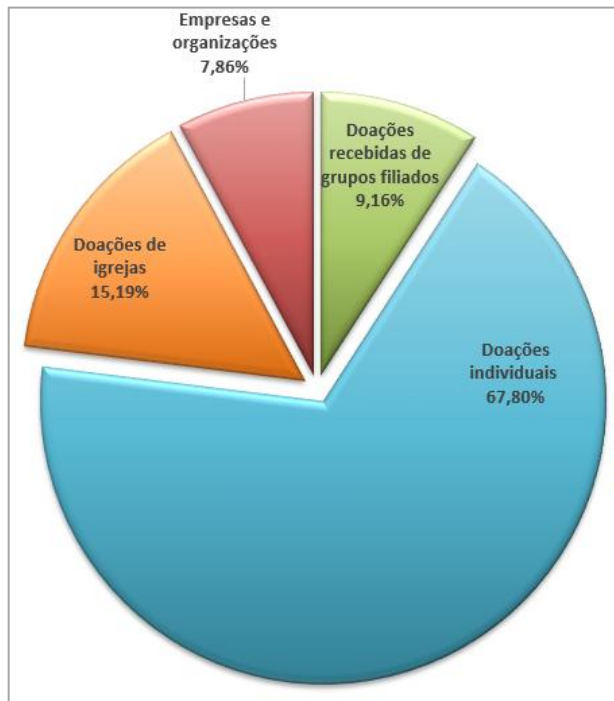
Neste ano de 2019 nossa equipe se despediu da Consuelo, assessora na região Norte, e de Cássia Oliveira, assessora de administração, que concluíram seu tempo de trabalho na ABUB. Somos muito gratos a Deus pela vida, tempo de dedicação e contribuição que elas exerceram no ministério estudantil, fomos muito abençoados pelo trabalho delas.

Temos também a expectativa da chegada de mais três obreiros que estão em processo de mobilização de recursos, são eles: Fabi Pereira, na região SP/MS; Rui Lima, na região Norte; e Cléber Américo na assessoria de administração. Ore para que Deus continue tocando no coração das pessoas chamando-as a serem suporte no trabalho destes irmãos na missão estudantil. ■

Prestação
de contas:
nossos números

4. Nossas finanças

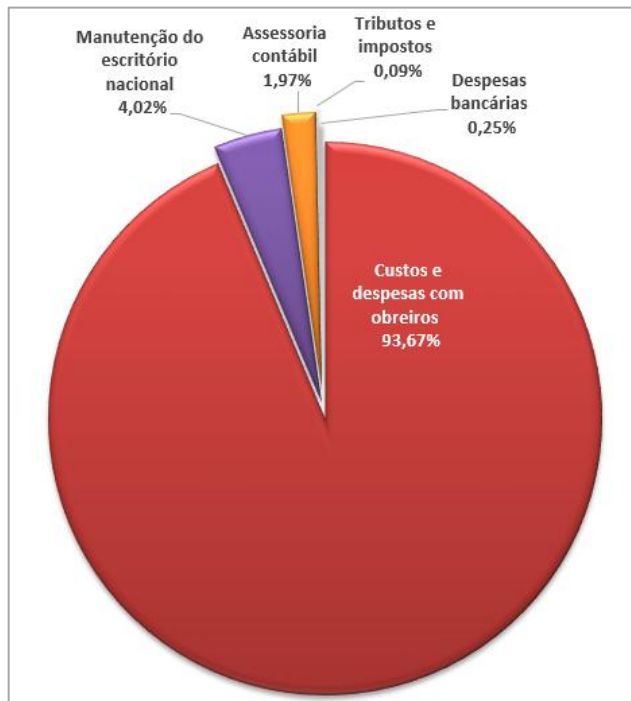
Prestação
de contas:
nossos números



Entradas

Doações recebidas de grupos filiados	R\$ 91.756,49
Doações individuais ¹	R\$ 679.456,33
Doações de igrejas	R\$ 152.202,71
Empresas e organizações	R\$ 78.732,08
Total:	R\$ 1.002.147,61

¹Inclui doações de pessoas direcionadas ao sustento do obreiro, aos caixas regionais e ao fundo geral.



Saídas

Custos e despesas com obreiros ²	-R\$ 943.568,29
Manutenção do escritório nacional	-R\$ 40.443,61
Assessoria contábil	-R\$ 19.869,60
Tributos e impostos	-R\$ 931,16
Despesas bancárias	-R\$ 2.483,62
Total:	-R\$ 1.007.296,28

² Inclui remuneração, benefícios (ex. plano de saúde) e despesas ministeriais (ex. custos de viagem, treinamentos).

Resultado	-R\$ 5.148,67
------------------	----------------------

No informativo anterior contamos sobre a necessidade de aumentar nosso suporte financeiro em 8 mil reais mensais e **pela graça de Deus concluímos 2018 com um déficit muito menor do que estávamos prevendo**, o Senhor tocou no coração de muitos irmãos e sua graça se manifestou através do apoio de vocês. Com algumas ações no escritório nacional, como café com amigos da ABUB, café com pastores e outras iniciativas de mobilização de recursos nas regiões foi possível aumentar um pouco mais nossas doações recorrentes, além das ofertas pontuais que nos ajudaram a suprir o que faltava.

Para este ano ainda temos o desafio de completar o sustento de alguns obreiros da Secretaria Executiva e Escritório Nacional, aumentar o suporte para uma obreira na região Centro-Oeste e criar equipes de apoio para novos obreiros. **Você tem interesse em apoiar ou ampliar seu apoio para estes obreiros? Escreva para nós. Para saber mais, [clique aqui](#).** ■

5. Três acontecimentos em 2018 e três sonhos para orar em cada uma das nossas frentes de trabalho

5.1. Uma estrutura para a missão

ESCRITÓRIO NACIONAL

Localizado em São Paulo (SP)

Assessores e profissionais: 4

Três ênfases do trabalho em 2018

- Na área de mobilização de recursos, um dos focos foi buscar uma aproximação mais pessoal com os mantenedores, através da realização de encontros pessoais (cafés no escritório), cartas, contato direto e pela iniciativa dos próprios líderes estudantis. Com isso, ganhamos mais coragem para compartilhar nossa visão e sonhos. O treinamento de mobilização de recursos da Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos (IFES, na sigla em inglês), realizado em setembro proporcionou essa motivação em diretores, obreiros e estudantes.

- Buscando diversificar a comunicação e alcançar com ela mais pessoas e os diferentes públicos da ABUB, começamos a divulgar histórias da missão no Instagram, a enviar o Intercessor para nossa lista de emails todos os meses, além de iniciar aos poucos uma presença focada em ABP e doadores no LinkedIn.

- Na parte administrativa, houve um esforço em melhorar questões jurídicas e contábeis, além de apoio na elaboração do novo Estatuto da missão. Foi o último ano de serviço da querida assessora Cássia Oliveira, a quem todos nós agradecemos o esforço e a dedicação à missão. »

Prestação
de contas:
nossos números

Três sonhos ou desafios para orarmos até 2020

- A equipe do escritório nacional quer melhorar o nosso banco de dados de doadores através de um sistema online conectado ao site da ABUB e unificado com o banco de dados geral de comunicação. Também tem o desafio de melhorar a gestão financeira da ABUB, através das análises técnicas realizadas bimestralmente. A chegada de um novo assessor de administração, Cléber Américo, também pode auxiliar muito nisto através de sua experiência e conhecimento nesta área. Ele está no processo de mobilização de recursos e oramos para que ele possa formar logo sua equipe de parceiros para o ministério e assim efetivar sua entrada na equipe do escritório.

- Traduzido, revisado e testado em 2018, o *Descubra João - Veja por si mesmo* é uma ferramenta evangelística que pretendemos lançar ainda em 2019. O desafio para o futuro é mobilizar recursos, finalizar os últimos detalhes, capacitar os oficineiros e embaixadores do projeto, além de divulgar para que os estudantes se interessem em usar este material com seus



colegas não cristãos. Além disso, na área de comunicação, um dos grandes desafios será a elaboração de um novo site que suporte recursos modernos para esse e outros projetos, como o cadastro de doadores.

- Um dos sonhos de quem trabalha na estrutura da missão é ver os estudantes envolvidos na sustentabilidade da missão, proativos com o sustento financeiro das regiões, mas também do movimento como um todo. Para isso, a equipe segue acompanhando os tesoureiros regionais e buscando formas de também capacitá-los. ■ »

5.2. Cuidando de todo o Brasil

SECRETARIA EXECUTIVA EM 2018

Composição: Sarah Nigri (secretária geral), Giovanna Amaral (secretária de administração e comunicação), Nilsa de Oliveira (secretária de formação), Natan de Castro (secretário adjunto de formação) e Morgana Boostel (secretária de engajamento missionário)



Três ênfases do trabalho em 2018

- Com o Instituto de Preparação de Líderes de janeiro de 2019 finalizou-se o ciclo trienal de formação da ABUB baseado na tríade “dinheiro, sexo e poder”. Já havíamos discutido nos anos anteriores o tema do “poder” e “riquezas”. Finalmente, foi estudado ao longo de 2018 temáticas relacionadas à sexualidade, ao corpo e aos relacionamentos. Os debates foram intensos e sensíveis, revelando o quanto estas questões são relevantes para os estudantes e não podem ser ignoradas. Permanece o desafio de serem oferecidos em nossos encontros mais espaços e oportunidades para tratarmos desses assuntos.

- Em 2017, foi lançado o projeto “ABUB contra o racismo”, com o objetivo de conscientizar os grupos locais sobre a realidade da juventude negra e o pecado do racismo, que deve ser reconhecido e enfrentado em nosso meio. Facilitadores e facilitadoras estudantis foram formados para replicar discussões sobre o tema e promover ações em igrejas, escolas e universidades. Em 2018, diversas atividades continuaram sendo realizadas, demonstrando o quanto é preciso aprofundar a

» discussão e seguir investindo em iniciativas semelhantes. Racismo é pecado e é preciso ser denunciado sempre.

• O ano de 2018 também foi marcado pela intensificação dos preparativos para a reforma do Estatuto da ABUB. Foi realizada uma ampla consulta ao movimento com o objetivo de tornar mais rico e participativo o processo. Também foi criada uma comissão com estudantes, diretores nacionais e obreiros, responsável por organizar o texto base que foi discutido no Congresso Nacional. Após analisar detalhadamente a proposta, a assembleia geral da ABUB finalizou o texto que foi encaminhado para registro em cartório. Foram realizadas as últimas adequações e correções. Em janeiro de 2019 conseguimos formalizar este importante documento, que servirá como referência para a ABUB nos próximos anos.

Três sonhos ou desafios para orarmos até 2020

• Ore para que o Senhor abençoe o processo de planejamento estratégico da ABUB, um sonho antigo que está sendo organizado. O desejo da ABUB é que Deus possa conduzir e ajudar o movimento a identificar os principais desafios e oportunidades para o ministério estudantil na nova década que, em breve, será inaugurada. Já foi feita uma consulta com obreiros, diretores regionais e nacionais sobre suas percepções acerca das fortalezas e fragilidades da ABUB. Até 2020, espera-se realizar também um censo do movimento que auxilie na compreensão do perfil dos grupos de ABU, ABS e ABP e que contribua para a elaboração de metas e estratégias para o trabalho da missão de 2020-2024.

• Um desafio que necessita de oração é para que a identidade missionária da ABUB seja a cada dia reafirmada e para que o protagonismo estudantil se fortaleça através de novas iniciativas de evangelismo e engajamento com a universidade. Que ações como o Descubra João - Veja por si mesmo, o Experimento Marcos, ABUB Contra o

» Racismo e muitas outras se multipliquem e impactem positivamente o mundo. estudantil, a igreja e a sociedade para a glória de Cristo!

• Em 2020 acontecerá o Congresso Nacional (CN) “da década”. Será um encontro muito especial e estratégico, inspirador para todos os participantes ao reafirmar o lema e a vocação da ABUB: “Estudante alcançando estudante”! Haverá eleição da nova Diretoria Nacional, constituição do Conselho Consultivo e do Conselho Fiscal da ABUB, lançamento oficial do plano estratégico (2020-2024), além de outras definições muito importantes. Há muito trabalho pela frente e todos na ABUB estão muito animados com tudo o que o Senhor está preparando! Orem para que este CN abençoe e fortaleça a missão no mundo estudantil. ■ »

Prestação
de contas:
nossos números

5.2. Do Ensino Médio à vida profissional

ALIANÇA BÍBLICA DE SECUNDARISTAS

Grupos locais em todo o Brasil: 18
Assessora nacional: Lia do Valle



Três ênfases do trabalho em 2018

- A ABSorando, principalmente no primeiro semestre, foi bastante ativa e realizou encontros mensais de comunhão e oração comunitária entre os grupos da ABS Brasil.
- Um destaque dentre os encontros regionais foi o Encontro Regional de ABS (ERA) da região Minas Gerais. Eles estudaram o livro de Jonas e aplicando ao contexto missionário estimularam os estudantes a seguirem "aonde o mestre levar". O evento proporcionou momentos tanto de integração quanto de fortalecimento da ABS e tem gerado, pela graça de Deus, frutos para a região.
- O Acampamento de Verão, principal evento nacional da ABS, aconteceu em janeiro de 2019. Lá, foi estudado o livro de João e teve um grande enfoque em oficinas que debateram temas cotidianos da vivência estudantil, tais como bullying e racismo. Houve uma parte prática muito importante, pois os participantes refletiram sobre diferentes formas de levar o evangelho mediante contextos escolares diversos. »

» Três sonhos ou desafios para orarmos até 2020

- Um dos maiores desafios da ABS é o crescimento e fortalecimento dos grupos existentes, por meio da ação de estudantes envolvidos que possuam o devido apoio de assessores, obreiros etc.
- A ABS sonha com a formação de novos grupos e núcleos, além de sua inserção em novos ambientes escolares, promovendo diálogo com os cristãos, com os estudantes e com a direção e coordenação escolares.
- Por fim, a ABS sonha em reestruturar-se, pensando em suas peculiaridades, e em entender as diferentes realidades dos estudantes e das escolas.

ALIANÇA BÍBLICA DE PROFISSIONAIS

Grupos locais em todo o Brasil: 12
Um Grupo de Trabalho ajuda a coordenar nacionalmente.



Três ênfases do trabalho em 2018

- Ao longo do ano a ABP concentrou-se na formação dos profissionais, com encontros de grupos locais e regionais para discussão e reflexão de temas diversos, atuais e relevantes no cenário nacional. »

» • Todos os grupos da ABP trabalharam junto com a reforma do estatuto, tendo sido discutido os pontos relativos aos profissionais, principalmente a criação do cargo de Diretor Adjunto.

• Buscou-se fomentar a criação de novos grupos. Uma das ferramentas para isto foi a organização do segundo Encontro Brasileiro de Profissionais, que contou com oficinas, mesa redonda e compartilhar de experiências, visando a formação dos já abepenses e o incentivo aos estudantes para a continuidade no movimento.

Três sonhos ou desafios para orarmos até 2020

• Para construir os demais sonhos da ABP para os próximos anos, o Grupo de Trabalho deseja primeiramente, ter núcleos consolidados que possam auxiliar no fomento de novos grupos de profissionais, formando também uma base sólida de apoio aos estudantes universitários e secundaristas.

• Espera-se que os grupos de ABP possam ser relevantes tanto a recém-formados quanto a líderes de longa data em suas profissões, promovendo essa integração, com foco em responsabilidade, humildade, liderança, testemunho e apoio mútuo.

• Dentre os sonhos da ABP, eles anseiam por grupos locais que incentivem a criação de grupos cristãos de reflexão em diferentes profissões, como muitos já existentes, promovendo discussões e ações relevantes no país. ■ »

5.3. A missão estudantil Brasil afora

REGIÃO NORTE

Estados: AM, AP, MA, PA, PI, RR e TO

Grupos filiados: 11

Assessores auxiliares: 8



Três ênfases do trabalho em 2018

- Diversas pessoas que passaram pela ABUB Norte continuam apoiando a missão estudantil. Alguns de formas pontuais, outros como assessores auxiliares (voluntários). Eles acompanham estudantes, atuam em treinamentos e também sustentam financeiramente o movimento. Agradecemos a Deus por cada um deles.

- Durante o ano, os estudantes trabalharam na arrecadação de recursos financeiros para participarem do Curso de Férias (CF) da região. Como a região está passando por um período de fragilidade financeira e fechamento de alguns grupos locais e núcleos, o CF de 2018 foi um manancial para recarregar as forças. As ministrações foram pão aos famintos e os momentos de comunhão geraram o fortalecimento de laços e criação de novas amizades. A nova diretoria eleita entende que a região precisa ser fortalecida novamente, e disseram que não medirão esforços. »

- » • Os estudantes da região Norte nunca tiveram uma cultura de ofertar mensalmente, sendo sempre uma das fragilidades da região. Em 2018, os tesoureiros locais e regionais formaram uma campanha de arrecadação de recursos que tomou força com o engajamento dos estudantes locais de cada grupo

Três sonhos ou desafios para orarmos até 2020

• Desde março de 2019 a região está sem obreiro e precisa de apoio e oração para manter-se estável. O trabalho desse assessor de campo é muito importante para articular a formação e fortalecer os líderes estudantis. Rui Lima que reside em Teresina (PI), foi aprovado pela Diretoria Nacional para entrar como obreiro da região e está no processo de formar sua equipe de parceiros ministeriais, mobilizando recursos. Interceda pelo trabalho da diretoria regional e dos assessores auxiliares (profissionais voluntários) neste tempo até a efetivação da entrada do Rui no ministério. O secretário adjunto de formação, Natan de Castro, estará

apoiando a região especificamente neste período e acompanhando a entrada do novo obreiro.

• Esta é a maior região da ABUB em termos geográficos, cada grupo local está muito longe do outro. A grande distância entre as cidades muitas vezes inviabiliza a representatividade dos grupos em eventos de formação regional e nacional. Ore para que, apesar das dificuldades, Deus levante novos líderes e novos grupos locais, levando o chamado missionário às universidades nortistas. Atualmente também não há grupos consolidados da ABS e ABP.

• A região Norte sonha em alcançar a sustentabilidade financeira para um desenvolvimento mais eficaz da missão. Os custos de transporte são altíssimos, além do sonho de sustentar um obreiro. Ore, agradeça pelos doadores atuais e colabore se Deus assim o chamar.

REGIÃO NORDESTE

Estados: AL, BA, CE, PB, PE, RN e SE

Grupos filiados: 30

Assessores auxiliares: 15

Assessores regionais: Luiz Felipe Schmitt e
Gilvânia Ramos



Três ênfases do trabalho em 2018

- O ano de 2018 foi um ano bom para a ABP Nordeste. Realizaram o Encontro Regional de ABP, dando ânimo àqueles que estão envolvidos com essa missão. Houve conversas iniciais sobre o início da ABP em Maceió e Fortaleza.
- Para evitar concluir o ano com um déficit financeiro, a região contou com a contribuição de ofertas especiais por parte de grupos locais. Esse comprometimento animou a todos e fortaleceu a sensação de serem um só corpo.
- O Curso de Férias é um dos principais eventos na agenda regional. Em 2018, ele ocorreu em João Pessoa (PB) e, além das demandas do grupo local, a diretoria regional também envolveu-se bastante na organização. Apesar do muito esforço, Deus renovou as forças de todos para continuarem trabalhando em prol da missão. »

» **Três sonhos ou desafios para orarmos até 2020**

- Um dos grandes desafios é a renovação da liderança nos grupos locais. Grupos historicamente fortes, como a ABU Recife (PE), não tiveram renovação e reduziram o número de participantes da diretoria local. Por isso é preciso orar por novas pessoas dispostas a servir. A região buscará formas de encorajar o envolvimento das pessoas ao longo de 2019 e ora para que isso não reflita na renovação diretoria regional.

- O primeiro Conselho Diretor (CR) do ano de 2019 foi planejado para Caruaru (PE). Desde 2015 não há um CR fora das capitais no Nordeste. Apesar de ser mais difícil, especialmente em relação à locomoção, o grupo ora para que haja resultado positivo e crescimento homogêneo tanto nas capitais quanto no interior.

- Assim como foi desafiador em 2018, a região Nordeste segue pedindo orações pelas finanças. Com um Grupo de Trabalho mais articulado e trabalhando em prol da mobilização de recursos na região, há quatro frentes: oração, captação de doadores, manutenção de doadores e divulgação.

REGIÃO CENTRO-OESTE

Estados: GO, MT, RO, AC e DF

Grupos filiados: 9

Assessores auxiliares: 2

Assessora regional: Jéssica Kelly Ribeiro



Três ênfases do trabalho em 2018

- Como a menor região da ABUB em termos de grupos locais, mas ainda a segunda maior geograficamente, há um grupo local filiado para cada 183.442,496 km². Frente a isso, a região criou o Grupo de Trabalho de Expansão com o objetivo de estabelecer microrregiões com grupos fortes, para que cada grupo influente encoraje novos por meio de contatos, treinamentos e outras ações; além de encorajar a abertura de novos grupos em cidades estratégicas. O grupo ainda está trabalhando a divisão regional e está no processo de escolha das cidades para novos grupos e estabelecendo contato com pastores e estudantes desses locais.

- Ocorreu um movimento de conscientização e oração pela Aliança Bíblica de Secundaristas (ABS) na região. A maioria dos abessenses se formaram em 2018, deixando o Centro-Oeste sem grupos ativos. Contudo, duas secundaristas participaram do Acampamento de Verão 2019. »

- » • Algumas questões relacionadas com mobilização de recursos fortaleceram o trabalho na região. Foi possível, por exemplo, levar mais delegados para o Congresso Nacional devido a uma doação nacional, o que fortaleceu e ajudou o trabalho durante o ano. Além disso, o fortalecimento de mantenedores para o trabalho da obreira Jéssica Kelly permitiu que ela não sofresse uma grande redução de dedicação de trabalho em 2019.

Três sonhos ou desafios para orarmos até 2020

- Que Deus dê sabedoria aos secundaristas para tomarem a frente da missão de evangelizar os seus colegas em seu ambiente de convivência. A região possui dois grupos de ABS filiados e as estudantes que já participaram do Acampamento de Verão. Há um grande potencial nesta frente.
- Há um grande desafio de crescimento, surgimento de novos grupos e núcleos e fortalecimento. É preciso orar por maior compromisso e iniciativa dos estudantes, para

que mais pessoas se interessem em cooperar e servir em funções das diretorias, tanto locais quanto regional.

- Jéssica Kelly, a obreira da região, deixou de trabalhar em tempo integral desde o segundo semestre de 2018, diminuindo em 25% seu tempo de dedicação. O desafio para que ela possa ficar de tempo integral é financeiro. Interceda para que tanto ela quanto os estudantes consigam mobilizar recursos e estabelecer a sustentabilidade financeira.

REGIÃO MINAS GERAIS

Estado: MG

Grupos filiados: 33

Assessores auxiliares: 8

Assessores regionais: Karen Aquino e Heitor Barboza



Três ênfases do trabalho em 2018

- O Grupo de Trabalho de Mobilização de Recursos tem buscado criar uma cultura de generosidade na região, encorajando os estudantes a doarem à missão. Ele foi criado no primeiro Conselho Regional de 2018 com o objetivo de aumentar a captação de recursos destinados às doações personalizadas para os obreiros da região. Entre as ações realizadas, houve contato com igrejas locais, criação de uma oficina ("A graça da generosidade") para os treinamentos microrregionais, entre outros. Também foi proposto um novo cargo para o assunto na diretoria regional.
- Foi realizado um investimento na formação e estruturação da assessoria auxiliar. Entre as iniciativas, foram elaborados novos materiais explicativos sobre a assessoria e realizado um evento regional de assessores auxiliares. Também foi estruturado um planejamento e ferramenta de avaliação ministerial para esses voluntários. »

» • Os eventos regionais concentram grande parte do trabalho ao longo do ano: Curso de Férias (CF) em Juiz de Fora, Conselho Regional (CR) em Alfenas e Uberaba. Também houve o Encontro Regional de ABS (ERA), que fortalece o movimento secundarista na região com a participação de 22 estudantes, inclusive de três cidades que não possuíam grupos estruturados: Itajubá, Lavras e Pouso Alegre. As ABS's dessas cidades iniciaram o trabalho em seguida. Por conta do ERA, três estudantes decidiram participar do Acampamento de Verão em 2019 e dois foram eleitos para a diretoria regional em abril de 2019, para cargos relacionados à ABS.

Três sonhos ou desafios para orarmos até 2020

• Interceda pelos eventos regionais de 2019 e seus grupos sedes: Ouro Preto (CR 2019-1), Belo Horizonte (ERA e CF) e Lavras (CR 2019-2). Que Deus fortaleça os grupos para receberem bem a região, e que também renove o desejo deles em servir sediando eventos.

• Um dos sonhos é ter um movimento secundarista fortalecido. A semente da ABS Minas Gerais já começou, que ela continue por meio do ERA e do acompanhamento dos contatos, para que no tempo certo Deus venha fazer frutificar e solidificar.

• Sendo nossa maior região em grupos locais, Minas Gerais possui o desafio de acompanhar todos os grupos e os novos interessados. Ore para que Deus chame pessoas que terminaram a graduação para continuar servindo como assessores auxiliares e pelos grupos em risco de se tornarem inativos (ABU João Monlevade, ABU São João Del Rei, entre outros). Que Deus levante mais pessoas dispostas a se engajarem também na estruturação da ABP.

REGIÃO LESTE

Estados: ES e RJ

Grupos filiados: 12

Assessores auxiliares: 6

Assessor regional: Pablo Henrique Gomes



Três ênfases do trabalho em 2018

- Um dos Conselhos Regionais de 2018 foi realizado em São Mateus (ES), o grupo local mais a leste da região. Apesar de ser a menor região geograficamente, levar a região a extremidades é uma forma de fortalecer os grupos locais. Apesar da distância, todos os outros grupos e a diretoria conseguiram deslocar-se para lá.
- Pablo, o obreiro da região, participou do Encontro de Formação de Obreiros Experientes (EFOE) da IFES (Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos), na Colômbia. Seu trabalho tem abençoado a região, e é muito bom que ele também possa receber formação e, com isso, abençoar ainda mais o movimento.»

Prestação
de contas:
nossos números

» • Outra frente de trabalho foi o café literário baseado no livro *A Arte Não Precisa de Justificativa*. O evento foi organizado pela secretária de literatura e arte em parceria com a ABU Editora e a CPAD Megastore no Rio de Janeiro (RJ). Por meio do café, foi possível unir estudantes e profissionais de vários grupos do estado para aprender mais sobre a relação entre a arte e a fé cristã. Houve uma receptividade tão grande que no fim do ano a região já começou a planejar a segunda edição, baseada no livro *Ser Evangélico Sem Deixar de Ser Brasileiro*.

Três sonhos ou desafios para orarmos até 2020

• Um dos desafios é a renovação e o fortalecimento dos grupos locais. A região quer incentivar os líderes que deixarão o cargo a acompanhar os que os substituirão, permitindo que as transições de diretoria sejam mais suaves e proporcionando uma continuidade para o trabalho do grupo. Por meio dessa continuidade os grupos serão fortalecidos e poderão ajudar a diretoria regional e a assessoria nos esforços de expansão e acompanhamento de novos grupos.

• É preciso orar para que surjam novos estudantes dispostos a servir, tanto nos campi que já possuem núcleos quanto em novas faculdades.

• O estado do Rio de Janeiro tem sofrido muito com a crise e o sucateamento das universidades públicas. A má gestão e a redução dos investimentos no ensino superior afetam diretamente os estudantes. A falta de infraestrutura e a redução no número de bolsas dificultam a permanência dos estudantes na universidade. Sem contar com as greves e paralisações que também afetam a continuidade dos grupos.

REGIÃO SP/MS

Estados: SP e MS

Grupos filiados: 27

Assessores auxiliares: 8

Assessores regionais: Josué Penteado e Pedro Valenzuela



Três ênfases do trabalho em 2018

- Houve várias iniciativas de evangelização e serviço que foram ótimas, como ABU no Enem, ação evangelística nos jogos universitários (Interunesp, Tusca), além de muitas atividades de incentivo a promoção no cuidado com a saúde emocional de estudantes no Setembro Amarelo (campanha brasileira de prevenção ao suicídio). Essas ações animaram os estudantes a se engajar com a universidade.

- Entre Conselhos Regionais, Treinamentos Microrregionais e o Curso de Férias, a região teve diversos eventos. O Curso de Férias, que contou com 90 participantes, teve prejuízo financeiro, mas logo o pessoal se mobilizou para levantar esse valor. Entre todos os eventos, muitos se dedicaram a mobilizar recursos, preparar oficinas e viajar para lugares distantes da capital São Paulo, onde há a maioria dos grupos locais da região (o Conselho Regional foi em Dourados - MS). A região agradece também pela vida dos assessores auxiliares, que tanto colaboraram na realização dos treinamentos.»

- » • A oficialização do cargo de coordenador de ABP facilitou o diálogo com os grupos de profissionais da região, além de levantar uma nova perspectiva do papel da ABP e da importância da articulação com ABU e ABS. Desde o começo do ano concentrou-se em planejar a reestruturação da ABS na região, abrindo espaços para isso tanto na diretoria regional quanto nos grupos locais, por meio da comissão de ABS e dos eventos. A região enfrentou muitas dificuldades de comunicação com os adolescentes dos grupos já existentes, mas houve oportunidades de aproximação.

Três sonhos ou desafios para orarmos até 2020

- Uma das maneiras mais eficientes de fortalecer os grupos tem sido a presença dos assessores auxiliares, acompanhando lideranças locais e servindo nos eventos regionais. A região sonha com a presença de pelo menos um assessor auxiliar em cada cidade onde há grupos, especialmente no interior, onde há mais dificuldade de acompanhamento por parte dos obreiros.

- Como a segunda maior região em termos de grupos locais, um dos focos de trabalho tem sido para a entrada de mais uma obreira na região, Fabi Pereira. Além disso, em 2020 dois assessores voluntários participando do programa de discipulado e serviço da ABUB, o Siga-me, estarão na região. Para que essas iniciativas se tornem realidade, será importante a mobilização de mais recursos, possibilitando manter as finanças sustentáveis e dando tranquilidade ao trabalho dessas novas pessoas.

- Um dos motivos e oração pela região é pelo surgimento de novos núcleos, sobretudo na região oeste de São Paulo e no estado de Mato Grosso do Sul, além de universidades particulares e de escolas.

REGIÃO SUL

Estados: PR, RS e SC

Grupos filiados: 14

Assessores auxiliares: 3

Assessor regional: Thiago Rodgers



Três ênfases do trabalho em 2018

- A região Sul está em processo de reestruturação atualmente, com diversos contatos de interessados e abeenses, porém percebe que não é momento de precipitar-se em atender todas as demandas destes. O obreiro Thiago tem acompanhado e visitado novos grupos ativos e antigos inativos na medida do possível.
- A assessora auxiliar Laís tem ajudado o grupo a repensar o trabalho da ABP, propondo ações e momentos de reflexão. Ainda não há nenhum grupo de ABP filiado na região, mas, com a ajuda de Laís, a região está desenvolvendo materiais de apoio para os futuros grupos.
- O Conselho Regional sediado pelo grupo local da ABU Curitiba (PR) e o Curso de Férias recebido pela ABU Porto Alegre (RS) foram eventos importantes no ano. Este último grupo, no entanto, está em fase de reestruturação. O Conselho Regional contou com a participação de 15 pessoas, com a representação de seis grupos locais, e o Curso de Férias teve a presença de dez pessoas. »

Prestação
de contas:
nossos números

» **Três sonhos ou desafios para orarmos até 2020**

- A região pede oração pelos estudantes, especialmente por seu comprometimento e entendimento da importância da missão dentro da universidade, por seu engajamento com as Escrituras e o exemplo de Cristo. Que Deus os chame, capacite e guie.
- Um dos sonhos é confeccionar um documento chamado de “Olhar além”, uma base que norteará em termos estratégicos o trabalho na região. Nesse documento constarão todas as metas e ações a serem tomadas nos próximos cinco anos na região Sul.
- Interceda pelas ações planejadas para 2019. Entre estas, estão a realização do Conselho Regional em Medianeira (PR), o envio de pessoas ao Instituto de Preparação de Líderes, a maior participação de pessoas no Curso de Férias, a abertura de novos núcleos e finalização da reestruturação dos núcleos já existentes. ■